



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ILIANE TECCHIO

IDEOLOGIA E TRADUÇÃO EM *ANIMAL FARM*

Florianópolis, SC
2010

ILIANE TECCHIO

IDEOLOGIA E TRADUÇÃO EM ANIMAL FARM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção de grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Lima.

Florianópolis, SC
Agosto 2010

ILIANE TECCHIO

IDEOLOGIA E TRADUÇÃO EM *ANIMAL FARM*

Dissertação julgada como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Área de concentração:

Lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo Lima
(Orientador)

Profa. Dra. Andréa Cesco
(PGET/UFSC)

Prof. Dr. Alain-Philippe Durand
(University of Arizona – Tucson/USA)

Prof. Dr. Walter Carlos Costa
(PGET/UFSC)

Florianópolis, SC, Agosto 2010

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ronaldo Lima, estimado orientador, que com extrema dedicação guiou os meus passos durante esta Pós Graduação. Pela confiança, incentivo, orientações e, principalmente, pelo ser humano que és. Meu carinho eterno!

À Banca de qualificação, Prof. Dr. Walter Carlos Costa e Prof. Dr. Alain-Phipippe Durand, pelas contribuições fundamentais.

Aos professores da PGET, pelas excelentes aulas.

Aos funcionários da PGET, em serviço ou que participaram do processo, em especial, à Marivone Bedim.

À minha família pelo apoio e compreensão nos momentos de afastamento e em especial, minha irmã Cleocir Marta.

Aos meus amigos e colegas de trabalho pela compreensão nos momentos de nervosismos e nas ausências.

RESUMO

Investiga-se a obra *Animal Farm* de George Orwell, publicada pela Signet Classics em 1996 e sua tradução, *A Revolução dos Animais*, realizada por Heitor Aquino Ferreira na edição de 2007 pela Companhia das Letras. A pesquisa tem como fio condutor o exame de traços ideológicos que emergem no discurso da personagem *Squealer* em língua inglesa e de seu correlato *Garganta* em português. Para embasar o estudo foi realizada uma retrospectiva histórica, considerando implicações sociais e culturais que circunscrevem a trama. Abordou-se igualmente conceitualizações ligadas à linguagem, ao discurso e ao poder. Ocupando o mesmo patamar de importância, foram evocados prismas teóricos da Tradução de modo a respaldar as análises. Os traços ideológicos impressos no discurso da personagem foram examinados criticamente de modo a focar componentes ligados ao binômio *língua/linguagem*, empregados para instituição e manutenção do *poder*. Especificamente, observou-se como o agente do discurso, em razão de necessidades e interesses de seus interlocutores, argumenta através das escolhas linguísticas e estratégias discursivas sobre os fatos pós-revolução. Sem pretender esgotar os leques de interpretações possíveis, este estudo lança uma reflexão sobre o uso da *língua/linguagem* para o processo de assujeitamento previsto no estabelecimento das linhas hierárquicas presentes na obra. Será observado, ao final do estudo, que a manipulação através do discurso encontrará o silêncio daqueles que, convencidos de inexorabilidade das configurações políticas que se delineiam, aceitam-na como via de mão única para a concretização de um ideal.

Palavras chaves: ideologia, linguagem, tradução.

ABSTRACT

It is researched the novel *Animal Farm* written by George Orwell, published by Signet Classics in 1996 and its translation, *A Revolução dos Animais*, made by Heitor Aquino Ferreira, edition of 2007 by *Companhia das Letras*. The main point of this work is to analyze ideological aspects that emerge in the discourse of the character *Squealer* in English Language and its correspondence in Portuguese: *Garganta*. To support this study it was carried out a historical retrospective, considering social and cultural aspects that circumscribe the plot, as well as conceptualizations related to language, discourse and power. At the same level of importance, it was considered theoretical thoughts about Translation in a way to support the analyses. The ideological aspects noticed in the discourse of the characters were analyzed critically in order to focus the components connected with the binomial langue/language, employed to establish and maintain the power. Specifically, we attempt to examine how the agent of the discourse, for reasons of needs and desires of his interlocutors, argues, through the linguistic choices and discursive strategies, about the situations post-revolution. With no intention to exhaust the possible interpretations, this study brings a reflection about the use of the langue/language for the process of enslavement predictable in the establishment of that hierarchical line. It will be observed, at the end of this study, that the manipulation through discourse will cause the silence those who, convinced of the inevitability of the political configuration that is being drawn, believe it as the only way to achieve the realization of a dream.

Keywords: Ideology, Language, Translation

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	15
1.1 - Objetivos.....	17
1.2 - Organização do trabalho.....	18
2 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1 - O escritor George Orwell.....	19
2.2 - O tradutor: Heitor Aquino Ferreira.....	22
2.3 - Contexto histórico-social da produção de <i>Animal Farm</i>	23
2.3.1 - Animal Farm	26
2.3.2 - O gênero fábula	28
2.4 - Considerações sobre Ideologia, Poder, Linguagem, Discurso..	30
2.4.1 - Ideologia/Poder	31
2.4.2 - Linguagem/Ideologia/Poder	33
2.4.3 - Linguagem/Discurso/Ideologia/Poder.....	35
2.4.4 - Discurso.....	36
2.5 - Considerações sobre tradução.....	38
3 - ANÁLISES	45
3.1 - Contextualizando o objeto de estudo: <i>os porcos</i> numa perspectiva histórico-social.....	45
3.1.1 - Definições dicionarizadas.....	46
3.1.2 - Na mitologia.....	49
3.1.3 - Na visão sacra.....	50
3.1.4 - Na literatura.....	51
3.2 - Especificando o objeto de estudo: Squealer/Garganta.....	54
3.2.1 - O nome: Squealer/Garganta	54
3.2.2 - A personagem: Squealer/Garganta	57
3.3 - Fragmentos de discursos proferidos por Squealer/Garganta.....	59
3.3.1 - Análise do fragmento (A).....	62
3.3.2 - Análise do fragmento (B).....	64

3.3.3 - Análise do fragmento (C).....	66
3.3.4 - Análise do fragmento (D).....	68
3.4 - Análise da Tradução.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85

1 - INTRODUÇÃO

Cada um lê com os olhos que tem, e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. (Leonardo Boff, 2002:9)

Para abrir as reflexões que seguem, destacamos as afirmações de Britto (2003:135) de que “A língua não é neutra, mas erigida a partir de uma teia de significados que são históricos”, completado com os dizeres de Barthes (2007:5) quando afirma que: “[a] língua não se esgota na mensagem que engendra, pode sempre fazer ressoar outra coisa para além do que é dito”. Sob esta perspectiva de “pensar a língua” busca-se, na fábula *Animal Farm* (1945) do escritor George Orwell (1903-1950), investigar traços ideológicos do discurso que caracteriza a personagem chamada *Squealer*. Para fazê-lo, estende-se o foco a aspectos sócio-históricos e culturais também reproduzidos no processo de recriação da versão em língua portuguesa.

A gênese das exposições discursivas presentes nas idéias proferidas por essa personagem fica registrada em vários patamares linguísticos, inclusive nos mais básicos, por exemplo, quando da seleção de unidades lexicais que participam na composição das proposições que caracterizam a formação discursiva no qual subjaz, como se constatará, a noção de “poder”, base para as considerações sobre a ideologia. Tais singularidades, como se constatará, foram similarmente recriadas em sua tradução para a língua portuguesa, na versão intitulada: *A Revolução dos Bichos*. Neste estudo compararemos o trabalho de Orwell com a recriação de Heitor Aquino Ferreira lançada em 2007 pela editora Companhia das Letras.

O gênero literário classificado como “fábula”, abaixo retomado em detalhes, no qual os bichos representam tipos humanos e cujas histórias comportam, via de regra, “lição de moral”, permite abordagem voltada ao estudo dos fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, no qual sobressaem tramas ideológicas. O texto em questão é marcado por narrativas curtas, repletas de simbologias que liberam seus sentidos na proporção do empenho do leitor em fazer emergir e ativar seus conhecimentos histórico-culturais. O leitor é conduzido a mergulhar nas implicações de cunho político que

circunscrevem a obra, em pleno período chamado de “Guerra Fria”. Para tal, desvendam-se algumas das marcas impressas no discurso do “outro”, que contribuem para a compreensão da significação da argumentatividade, marcada no discurso, que se constrói por meio de jogos lexicais, de uso de expressões e de recursos lingüísticos anexos que participam tanto na composição e expressão dos conteúdos ideológicos, quanto nas intencionalidades implícitas no conjunto da obra.

A investigação que se propõe nestas páginas, exigiu detalhamento de aspectos que circunscrevem o objeto de estudo selecionado, a saber: a personagem *Squealer*, caracterizada pela figura de um porco/animal. Entre outras questões, como já observado, foi necessário considerar fatores ligados à:

- escolha da espécie *porco* na posição de protagonista da trama;
- nomeação da personagem - objeto de estudo - como *Squealer*;
- o contexto histórico-cultural que envolve a obra e seu autor e, notadamente;
- gênese de produção do discurso que compõe a peça em língua portuguesa a partir das orientações presentes na versão em língua inglesa.

Objetivando fundamentar a pesquisa, partiu-se de considerações sobre linguagem, discurso, ideologia e, naturalmente, estudos referentes a teorias da tradução, como suportes para a realização desta investigação. O embasamento multidisciplinar fez-se necessário de forma a delinear a argumentatividade da referida personagem, bem como sua composição lingüística em sentido amplo.

A circunscrição do termo “ideologia”, no escopo deste trabalho, foi desenvolvida a partir d(e) os escritos de Eagleton (1997); os apontamentos de Fiorin (2007); noções de Barthes (2007) e, finalmente; considerações de Orlandi (1987), entre outros.

A análise da tradução realizada por Heitor Aquino Ferreira tem respaldo em nossos conhecimentos enquanto especialista da língua inglesa e, igualmente, em nossa experiência pessoal enquanto professora de língua inglesa. Apoiamos nossa investigação também sobre os estudos realizados no curso de pós-graduação em Estudos da Tradução; no referencial teórico que compõe esta dissertação e, enfim, no histórico cultural e social que se soma substancialmente às análises realizadas. Os apontamentos nomeadamente de Steiner (2005) e de Jakobson (1971)

constituem o suporte teórico sobre o ato de traduzir que nortearam a análise realizada.

Deveríamos também pontuar as colocações de Tavares e Lopes (2005) quando no ensaio intitulado “*Prolegómenos a um esquema analítico para a crítica de traduções literárias*” destacam que o tradutor de textos literários terá sempre que lidar com uma série de constrangimentos que nunca se impõe do mesmo modo ao autor. E ainda, de acordo com os pesquisadores, haverá casos em que o tradutor pode e deve usar de uma criatividade para que o texto original possa na tradução, encontrar o seu eco para adaptá-lo ao público leitor, as normas linguísticas e culturais do texto alvo. Estas colocações também embasaram a análise que apresentamos neste trabalho.

Importante salientar que ao longo dos capítulos que constituem esta dissertação, procuramos concatenar o referencial teórico com os objetivos traçados, com a preocupação de que no ato da leitura dessa investigação, o leitor compartilhe com a pesquisadora das reflexões, interpretações/ reinterpretações para assim, nesta tarefa dialógica, a produção de significados não por apenas um ponto, mas por múltiplas perspectivas que podem trazer à tona várias leituras e contribuir para a re-criação e *updating* da obra literária.

1.1 - Objetivos

Tomando por base excertos do discurso da personagem *Squealer*, traduzido por “Garganta” na versão em português, focaliza-se e interpreta-se aspectos de ordem ideológica subjacentes que emerge expressivamente de forma a estabelecer e sustentar relações de dominação e poder no espaço diegético.

Concomitantemente à análise, busca-se confrontar os excertos destacados na obra-fonte em língua inglesa com a recriação em língua portuguesa, como subsídio para a investigação de formas simbólicas empregadas pelo tradutor para significar e caracterizar o discurso ideológico.

Desdobram-se, assim, as seguintes perguntas:

- (a) A língua estaria sendo empregada como recurso para o assujeitamento em *Animal Farm*? Se comprovada tal hipótese, se acrescentaria o seguinte questionamento: – De que forma?

- (b) A personagem Squealer seria uma representação fabulesca de modelos político-sociais de manutenção de ideologia e poder, contemporâneos ao autor da obra? Como verificar este fato?
- (c) Existiriam estruturas singulares, de natureza lingüística: gramaticais, lexicais, expressivas, de cunho metafórico, visando responder a necessidades para a expressão do teor da obra na veiculação dos efeitos ideológicos e de poder? Em caso positivo, como se processaria o diálogo entre a obra em língua inglesa e sua versão em português neste quesito específico?

1.2 - Organização do trabalho

O presente estudo é composto de cinco capítulos.

1. O primeiro capítulo apresenta: Introdução, Objetivos e Organização do Trabalho;
2. O segundo capítulo nomeado como Referencial Teórico, conduz às pesquisas realizadas sobre o escritor e o tradutor, seguido de uma imersão em *Animal Farm* no que tange aos aspectos histórico-sociais; de um mergulho na obra propriamente dita e no gênero literário no qual a mesma foi aqui inserida, ou seja, fábula; as considerações sobre Ideologia, Poder, Linguagem e Discurso e as considerações sobre Tradução, que embasaram as análises.
3. O terceiro capítulo apresenta as **Análises** que abrem com a contextualização do objeto de estudo: *porcos* numa perspectiva histórico-social; após a especificação da personagem: Squealer/Garganta; para então mergulhar nas análises dos fragmentos selecionados e na tradução dos mesmos para a língua alvo.
4. O quarto capítulo apresenta as considerações finais. Por último, o quinto capítulo registra as referências bibliográficas que nortearam este estudo.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - O escritor George Orwell

Liberty is telling people what they do not want
to hear (George Orwell)

Desde a publicação das obras *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty-four* (1949) ambos com visões sobre o poder dos governantes modernos, vários críticos, tais como Bloom (1991) e Willians (1997), têm estudado e analisado a vida de George Orwell e suas concepções, pois suas obras cobrem um período político de intensas mudanças em que a sociedade mundial experimentou uma série de acontecimentos bastante marcantes, a saber: Revolução Civil Espanhola, Nazismo na Alemanha, Fascismo na Itália, Stalinismo na Rússia e, culminando, a II Guerra Mundial.

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu no dia 25 de junho de 1903 na cidade de Motihari, na Índia, que se encontrava então sob o domínio inglês. Na infância revelou-se um garoto dedicado à invenção de estórias e que falava com companhias imaginárias. Começou a escrever de forma precoce, ditando poemas para sua mãe. Possuía grande facilidade com as palavras e usava dessa predileção para transformar fatos desagradáveis em letras e frases carregadas de sentidos e emoções, criando assim uma espécie de mundo particular em que podia compensar fracassos da vida cotidiana como saída alternativa para melhorar os relacionamentos humanos que ele pensava serem difíceis.^{1 2}

Aos quatro anos de idade segue para a Inglaterra com sua família. Orwell obteve uma bolsa de estudos na Academia de Eton, onde permaneceu de 1917 até 1921. Foi em Eton que ele publicou seu primeiro artigo em periódicos.³ Mas não aceitou uma bolsa de estudos para a universidade e abandonou seus estudos aos dezoito anos para servir a Polícia Imperial Indiana na Birmânia em 1922. Este período traz à tona seu sentimento de inconformismo generalizado ao totalitarismo, levando-o a criticar principalmente a política imperialista britânica,

¹ Fonte: The Glencoe Literature Guide, 2009.

² Esta e outras traduções do inglês, presentes nesta dissertação, são minhas, excetuando as obras traduzidas citadas.

³ <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/433643/George-Orwell>

sobre a qual escreveu depois de desertar em 1927. Afirmou na época: “Servi na polícia das Índias durante cinco anos, ao longo dos quais passei a odiar o imperialismo, que eu próprio servia, com uma força que ainda hoje eu não sei explicar”⁴. Seu período na polícia imperial gerou um livro intitulado *Burmese Days*, escrito naquele país, porém publicado apenas em 1934. A obra foi traduzida para a língua portuguesa com o título: *Dias na Birmânia*.

Após a deserção, Eric retornou à Inglaterra decidido a não mais colaborar com a política da qual vinha discordando, fato que implicou o abandono do modelo de vida aristocrático do qual fazia parte, chegando a ponto de adotar o pseudônimo George Orwell, nome inspirado no rio Orwell que corta a East Anglia, no leste da Inglaterra e “George” o santo padroeiro da Inglaterra.

Aqui se inicia a história de George Orwell. Para expiar seu sentimento de culpa contra o sistema Imperial do qual estava emerso, Orwell decidiu se juntar aos pobres e exilados da Europa. Usando roupas velhas, foi para o leste de Londres para se abrigar entre os trabalhadores e mendigos. Ele também passou um tempo nos bairros pobres de Paris onde trabalhou como lavador de pratos em restaurantes e hotéis. Essas experiências foram immortalizadas na obra: *Down and out in Paris and London* (1933), traduzido por: *Na Pior em Paris e Londres*, um relato concreto sobre a pobreza, falta de liberdade e sobre a profunda desigualdade social vivenciada entre 1928 e meados de 1930, período em que morou nas ruas de Paris e de Londres. A publicação do livro lhe trouxe os primeiros reconhecimentos literários. Sobre o período em que esteve na Inglaterra, escreveu o romance *A Clergyman's Daughter* (1935), traduzido por *A Filha do Reverendo*, e *The Road to Wigan Pier* (1937), traduzido por *O Caminho para Wigan Pier*.

Em 1936, mesmo ano em que publicou o romance *Keep the Aspidistra Flying*, traduzido como *O Vil Metal*, se inicia a Guerra Civil Espanhola. Orwell sente que aquele era o momento de fazer parte da história. Diz então que “naquela época, e naquela atmosfera, isso pareceu ser a única coisa que eu podia fazer”, então se une ao grupo antifascista em Barcelona.

No período em que esteve na Espanha, Orwell chegou ocupar o posto de tenente, mas pediu baixa após ser ferido na garganta por uma bala. De retorno à Inglaterra, publica em 1938 *Homage to Catalonia*, traduzido como *Uma Homenagem à Catalunha e Lutando na Espanha*. Pouco depois, Orwell contrai tuberculose e viaja para o Marrocos onde

⁴ Fonte: <http://www.infoescola.com/escritores/george-orwell/>

escreve *Coming up for air*, publicada no ano seguinte em 1939. A obra foi traduzida na língua portuguesa sob o título: *Um Pouco de Ar, Por Favor!*

No mesmo ano, a II Guerra Mundial tem início e George Orwell sendo rejeitado para o serviço militar assume então, um cargo no comando do canal indiano da *BBC* (*The British Broadcasting Company*). Deixou a BBC em 1943 e se tornou editor do *Labour Weekly Tribune*. Neste período se revelou um jornalista prolífico, redigindo muitos trabalhos, tal como o famoso ensaio sobre Charles Dickens e artigos e livros sobre a Inglaterra,

O trabalho de Orwell como escritor culmina com as obras *Animal Farm* (publicada em 1945) e “*Nineteen Eighty-four*”, também apresentada sob o título “*1984*” (publicada em 1949). A obra “*1984*” é considerada ficção científica, posto que mais voltada a implicações humanas e sociais, situada no mesmo patamar de obras como *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley que, inclusive, publicou mais tarde (cerca de 25 anos depois) um ensaio intitulado *Regresso ao Admirável Mundo Novo* no qual cita diversas vezes a obra “*1984*” de Orwell.

Sobre seu próprio trabalho George Orwell afirmou:

Quando me sento para escrever um livro, não digo para mim ‘vou produzir uma obra de arte’. Escrevo porque existe alguma mentira para ser denunciada, algum fato para o qual quero chamar a atenção, e penso sempre que vou encontrar quem me ouça.⁵

Rhodri Williams (1997), no artigo *Orwell’s Political Messages* assinala que o anseio de Orwell como escritor era transformar escrita política em arte: “*make political write into art*”. Seus pontos de vista políticos foram formados principalmente por suas experiências acerca do Socialismo, Totalitarismo e Imperialismo. As diversificadas experiências do escritor parecem, em certa medida, ter modelado sua escrita, marcada por “*descrições concisas de eventos e condições sociais e o desprezo por todo tipo de autoridade*”.⁶

As leituras realizadas sobre George Orwell permitem considerar a possibilidade de que suas obras não sejam apenas relatos ficcionais. Trata-se, com efeito, de “representação”, isto é, relatos históricos de

⁵ Fonte: <www.infoescola.com/escritores/george-orwell/>

⁶ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/George_Orwell>.

eventos vividos pelo escritor que, de forma paralela, parecia filosofar sobre as mazelas que afligiam a sociedade: acontecimentos circunstanciais, contemporâneos ao período da produção de suas obras. No ensaio *Why I Write*, traduzido como *Porque eu Escrevo*, publicado em 1946, Orwell relata que:

Cada linha presente nas obras que tenho escrito desde 1936, tem sido escrita, direta ou indiretamente contra o Totalitarismo e para o Socialismo Democrático, tal como eu o entendo. (Willians, 1997).

George Orwell faleceu de tuberculose em 21 de Janeiro de 1950, aos 46 anos, em um hospital de Londres.

2.2 - O tradutor: Heitor Aquino Ferreira

O tradutor Heitor Aquino Ferreira nasceu no Rio Grande do Sul e atualmente é Membro do Conselho de Administração da Eucatex, cuja sede está localizada na capital do Estado de São Paulo. Heitor Aquino Ferreira tem formação de Oficial do Exército Brasileiro pela Academia Militar das Agulhas Negras (Resende, RJ). Além de ter integrado o corpo de oficiais do Exército Brasileiro na década de 60, atuou também na Jarí Florestal e Agropecuária, na Petrobrás, no Gabinete do Presidente da República no Governo do presidente Ernesto Geisel (1974–1979), na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), na Editora Nova Fronteira e na Arroio Grande Serviços Editoriais.⁷

Sua presença ativa no cenário político parece ter contribuído, em parte, com sua escolha para a tradução de uma obra polêmica para a política brasileira da época. As eventuais implicações do tradutor com o período que coincide com o Golpe Militar de 64 ultrapassam as páginas deste trabalho, muito embora constituam tema promissor. Aquino Ferreira foi o primeiro a traduzir esta obra para a língua portuguesa que foi publicada pela Editora Globo em 1964. Publicou também outras traduções de embasamento político-social. Pode-se citar como exemplo:

- *Churchill*, obra do historiador galês Roy Jenkins, editora Nova Fronteira, 2002.⁸

⁷ Fonte: http://www.mzweb.com.br/eucatex/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&tipo=12367&conta=28&id=19436#1

⁸ Informações sobre esta obra ver: http://veja.abril.com.br/111202/p_152.html

- *A Diplomacia das Grandes Potências*, escrita por Henry Kissinger, editora Francisco Alves, 1999.
- *Bismark*, de autoria de Alan Palmer, editora da UNB, 1982.
- *Um Mundo Restaurado*, escrito por Henry Kissinger, editora Olympio, 1973.
- *Roosevelt e Hopkins: uma história da Segunda Guerra Mundial*, tradução publicada pela UnB, Nova Fronteira e Faculdade da Cidade em 1998.

2.3 - Contexto histórico-social da produção de *Animal Farm*

Os textos literários muitas vezes se encontram intrinsecamente relacionados com o contexto social no qual foram produzidos. *Animal Farm*, a história dos animais que se rebelam contra a dominação do homem na fazenda Granja do Solar, como nos relata Luis Wilson (2009), tornou-se célebre como uma das primeiras críticas ao regime soviético, tendo inclusive o ano de publicação inicial: 1944, prorrogado, pois nessa época a URSS era ainda aliada dos EUA e da Inglaterra em razão da Segunda Grande Guerra. De acordo com Bloom (1991:10), a narrativa estabelece equivalências com a história da ação política na Rússia desde os duros tempos de 1917 até a Segunda Grande Guerra.

Animal Farm, publicada em 1945, portanto, após o término da Guerra, abarca um período marcado por resquícios da Primeira Grande Guerra e da crise econômica de 1929, que ainda assolava a maioria das grandes nações. Este momento foi ainda marcado pelas Revoluções Russas – Menchevique e Bolchevique – que conduziram à queda do czarismo na Rússia e a instalação de um novo modelo, “o Socialismo”, através do governo de Lênin. Esse governo propunha novas políticas sociais e econômicas instituindo a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Com a morte de Lênin em 1924, o poder soviético foi disputado por Leon Trotski, chefe do exército, e Josef Stalin, secretário geral do Partido Comunista. Stalin saiu vitorioso, e nos anos seguintes marginalizou Trotski e seus seguidores até eliminá-los. Após esses acontecimentos, a URSS mergulhou numa situação política, social e econômica bastante dura, talvez mais crítica àquela anterior a da revolução.

Segundo Martins (2005:136), muitos dos princípios das revoluções Russas eram baseados nos escritos e ensinamentos de Karl Marx (1818-1883), filósofo e economista alemão, que acreditava que

sociedades se apresentavam divididas em dois segmentos: a classe trabalhadora e os proprietários. A classe trabalhadora fornecia todos os produtos enquanto que os proprietários desfrutavam dos benefícios dos produtos. Essa divisão de classe, segundo Marx, desembocava na desigualdade e opressão da classe trabalhadora. O objetivo desse economista era criar uma sociedade sem classes na qual o trabalho seria dividido entre todos para o benefício de todos, e ele acreditava que a revolução era a maneira de atingir esse objetivo.

Como *Animal Farm* foi lançado em 1945, podemos situá-lo no contexto histórico da Guerra Fria entre EUA e URSS iniciada a partir do final da Segunda Grande Guerra: gerações inteiras cresceram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se, poderiam iniciar a qualquer momento, e aniquilar a humanidade. Na verdade, mesmo supondo que as partes não pretendessem verdadeiramente o conflito mútuo, o pessimismo se fazia notar. À medida que o tempo passava mais e mais eventos nefastos poderia ocorrer política e tecnologicamente sob a eminência permanente de um confronto nuclear baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua, inevitável” impediria às partes anunciar o início do fim da civilização moderna. Não aconteceu, mas por cerca de 40 anos o fato pareceu iminente.

A URSS “controlava” uma parcela do globo ou sobre ela exercia predominante influência, ou seja, as áreas ocupadas pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas ao término da Guerra. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo que se tornava capitalista. Além do hemisfério norte, assumiu o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais européias. Em troca, não intervinha diretamente na zona de hegemonia soviética.

De acordo com Hobsbawn (1995:226), a Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação, não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas sim uma nebulosa disputa entre seus vários serviços secretos reconhecidos e não reconhecidos que no Ocidente produziu. Esse tão característico subproduto da tensão internacional, a ficção de espionagem e assassinatos clandestinos. As operações da KGB, CIA e órgãos semelhantes eram triviais em termos de política do poder, embora muitas vezes dramáticas.

Provavelmente o período mais explosivo foi aquele entre a enunciação formal da doutrina Truman, em março de 1947, a saber: “[c]reio que a política dos Estados Unidos deve ser a de apoiar os povos

livres que resistem às tentativas de subjugação por minorias armadas ou por pressões de fora”, e abril de 1951, quando o mesmo presidente americano demitiu o general Douglas MacArthur, comandante das forças americanas na Guerra da Coreia, por ambição militar além do aceitável. Esse foi um período de grande temor da parte americana por desintegração social ou revolução social nas partes soviéticas da Eurásia. Finalmente, em 1949 os comunistas assumiram o poder na China.

A Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental surgida após a Segunda Grande Guerra. Suposição de que a era da catástrofe não chegara de modo algum ao seu final; de que o futuro do capitalismo mundial e da sociedade liberal não estava assegurado. Hobsbawn (1995:228) relata que de acordo com Samuelson, no ano de 1943, a maioria dos observadores esperava uma séria crise econômica pós-guerra, mesmo nos EUA, por analogia àquilo que ocorrera após a Primeira Grande Guerra, ou seja, “maior período de desemprego e deslocamento industrial que qualquer economia já enfrentara”.

Em qualquer avaliação racional, afirma Hobsbawn (1995:230), a URSS não apresentava perigo imediato para quem estivesse fora do alcance das forças de ocupação do Exército Vermelho. Saía da guerra em ruínas, exaurida e exausta, com a economia dos tempos de paz em frangalhos. Era governada por um ditador que demonstrava ser tão avesso a riscos fora do território que controlava de modo implacável em sua circunscrição. Stalin precisava de todo o auxílio que podia obter e, portanto, não tinha interesse imediato em antagonizar a única potência que podia oferecê-lo, os EUA. Sem dúvida, Stalin como bom comunista, acreditava que o capitalismo seria inevitavelmente substituído pelo comunismo e nessa medida, qualquer coexistência dos dois sistemas não seria permanente.

Hobsbawn (1995:230) relata que George Kennan, diplomata americano, especialista em “Rússia da Velha Escola” de “Política de Potência” considerava a Rússia, czarista ou bolchevique, uma sociedade atrasada e bárbara, governada por homens movidos por ‘tradicional e instintivo senso de insegurança e isolada do resto do mundo, sempre dirigida por autocratas, constantemente buscando “segurança” por meio de pressão paciente e ameaças letais às potências rivais, dificultando acordos ou cooperações. O comunismo, em sua opinião, fazia a Rússia perigosa, tornando-a a mais brutal das grandes potências, bem como a mais implacável das ideologias utópicas, ou seja, de conquista e domínio do mundo.

Do ponto de vista de Moscou, a única estratégia para defender e explorar a vasta, mas frágil, nova posição de potência internacional era principalmente a de não ceder a acordos. Evidentemente, as afirmações de George Kennan, relatadas por Hobsbawm devem ser tomadas com cautela, posto se tratar de um diplomata americano, o que poderia influenciar sua representação da “outra parte”.

Animal Farm comporta uma série de correspondência com fatos históricos. Bloom (1991:10) relata que a alegoria à Revolução Russa e aos eventos subsequentes é melhor percebido por leitores que possuam conhecimentos amplos dos eventos acima apontados. Bloom (id. ib.) afirma que *Animal Farm* não é apenas alegoria da política Russa do século XX, mas uma anatomia de todas as revoluções políticas, em que os mais fracos tomam o poder e, em seguida, corrompem-se pelo e em razão do próprio poder que tomaram.

2.3.1 - Animal Farm

Publicada em 1945, ao final da Segunda Grande Guerra, a obra que tem como título original: *Animal Farm - a fairy story*, traduzida para a língua portuguesa como a *Revolução dos Bichos*. É considerada um dos grandes clássicos da literatura mundial. Quando lançada, depois de ser rejeitada por vários editores, entre eles o poeta T.S. Elliot, como informado na edição de 2007 da editora Companhia das Letras, causou grande mal-estar no meio literário da época, pois foi percebida como uma sátira feroz da ditadura stalinista e os soviéticos ainda eram vistos como aliados na luta contra o nazismo.

Obra fabulesca, enquanto gênero literário, discutido mais adiante, narra a revolta dos animais da fazenda Granja do Solar, que após a revolução passou a ser chamada Granja dos Bichos. Movimento de protesto contra as condições de vida e trabalho forçado aos quais os animais estavam sendo submetidos pelo fazendeiro, o Sr. Jones. A trama sublinha a trajetória dos líderes da revolução dos porcos: *Napoleon* e *Snowball* – traduzidos respectivamente como Napoleão e Bola de Neve. Justamente eles irão conduzir os bichos da fazenda para a luta de classes e rompimento com a exploração do trabalho no campo. Acreditando no projeto, todos os bichos da fazenda concedem às suas lideranças plenos poderes, tendo em vista serem eles os mais instruídos. Esta informação provém da “voz” do narrador, tal como exemplificado abaixo, através de excertos da obra em língua portuguesa: *A Revolução dos Bichos* (2007):

A tarefa de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, reconhecidos como os mais inteligentes dos bichos. (2007:18)

Os porcos não trabalhavam propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. Donos de um conhecimento maior, era natural que assumissem a liderança. (2007:27)

Com a tomada da Granja do Solar, a revolução adquire organização específica. Para levar a cabo o projeto, os porcos letrados começam a implantar regras, normas e leis para consolidação da revolução. Prescrevem sete mandamentos, que constituem os princípios básicos do Animalismo, filosofia instaurada pelos porcos, a qual estabelecia como princípio central que todos os animais fossem considerados iguais e que os humanos fossem considerados inimigos a serem combatidos. Assim, uma bandeira é erguida e torna-se o símbolo da Revolução. Uma canção, “Bichos da Inglaterra” é composta e entoada por todos os animais da fazenda. Com isso, se dá início, na visão dos animais, à realização do sonho coletivo. Finalmente, o desejado futuro se delinea no horizonte.

Com o avanço da narrativa, a doutrina inicial da nova sociedade progressivamente se altera. Os clamores de justiça e igualdade, que conduziram os animais aos ideais da revolução, são “reprimidos” em benefício dos interesses individuais daqueles que assumiram o poder. Na medida em que alterações remissivas aos princípios básicos da revolução eram realizadas, surgem várias justificativas por parte dos novos governantes, os quais passam imediatamente a tomar atitudes autoritárias e repressivas.

Santusmorrobe (2008) afirma que “o totalitarismo é tentador. Quanto mais ideológico for o desejo pelo poder, pela liderança, tanto mais arbitrária se torna sua orientação política”. O totalitarismo parece então partir de um conjunto de medidas preventivas para a consolidação e controle do poder. O totalitarismo sustenta a prática de intervenções diretas e inflexíveis pelas lideranças enquanto promove a apatia e a ignorância de seus dominados.

A ignorância, isto é, o desconhecimento dos fatos, a alienação, o conformismo em relação aos acontecimentos nos diversos setores da sociedade de maneira ampla ou mais substancialmente no grupo social

no qual se está inserido, colabora para que o dominador sustente sua posição, como aponta Bourdieu (1996:91):

A linguagem de autoridade governa sob a condição de contar com a colaboração daqueles a que governa, ou seja, graças a assistência dos mecanismos sociais capazes de produzir tal cumplicidade, fundada por sua vez no desconhecimento, que constitui o princípio de toda e qualquer autoridade.

Os animais são persuadidos a aceitar os fatos como verdadeiros e, por extensão, as decisões dos líderes, principalmente através dos discursos proferidos pelo porta voz do poder, o porco *Squealer*, cujo nome foi traduzido em português como *Garganta*, visto remeter à habilidade da retórica e do discurso persuasivo por ele praticado, como verificado na passagem a seguir da “Revolução dos Bichos” :

Manejava a palavra com brilho, e quando discutia algum ponto mais difícil tinha o hábito de dar pulinhos de um lado para outro e abanar o rabicho, uma coisa bastante persuasiva. Diziam que Garganta era capaz de convencer de que preto era branco. (2007:19)

Esta obra ficcional explicita o ponto que pode atingir a concentração de poder e de riquezas que, por conseguinte conduz à manipulação da informação e às desigualdades sociais. A obra também evidencia a linguagem como instrumento para a definição de conceitualizações e comportamentos em prol de representações coletivas. Parece se tratar, como sugerido no site *Sparknotes Literature Study Guide*, de “abuso da linguagem como instrumento para o abuso de poder através da domesticação”.

2.3.2 - O gênero fábula

Nelly Novaes Coelho autora do livro “Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil” publicado em 1993, no seu artigo sobre “fábula”, disponível no site *E-Dicionário de Termos Literários* (2009), destaca que o gênero literário *fábula*, se constitui de narrativa de intenção moralizante atento às injustiças e falhas dos homens contra os homens. Nesse mesmo site, há a colaboração de Carlos Ceia, que coloca

fábula num nível de preparação teórica de intriga ordenada, lógica, e cronologicamente coerente em relação a seus elementos constitutivos.

O linguísta Marcos Bagno (2002), no seu artigo “Fábulas Fabulosas”, pontua que a grande maioria das fábulas tem como personagens animais ou criaturas imaginárias, que representam, de forma alegórica, traços de caráter (negativos e positivos) dos seres humanos. O vocábulo *fábula* de origem latina, deriva do verbo *fabulare*, “conversar, narrar”, o que sugere que a fábula teria sua origem na tradição oral e constituiria um modo universal de construção discursiva que pode ter sido usado como instrumento educativo, de fixação e memorização de valores morais de grupos sociais nos quais a tradição oral era praticada.

De acordo com Coelho (*E-Dicionário de Termos Literários*), a historiografia da fábula pode ser dividida em quatro períodos históricos como descrito a seguir:

- I) A **Idade Primitiva** da fábula é representada pelas fábulas orientais, pela sabedoria do grande fabulador Pilpay e pela famosa coleção Calila e Dimna (fábulas filosófico-morais cujas principais personagens são dois chacais). A Idade Primitiva abrange o período grego, com Esopo (séc. VII – VI a.C.), que fez da fábula uma útil arma de persuasão ao bem agir ou arma de crítica aos vícios dos costumes.
- II) A **Segunda Idade**, a Média (séc. I a.C. ao séc. XIV d. C.), corresponde ao período de romanização da Europa, queda do Império Romano e consolidação do Cristianismo, como base da civilização ocidental que então surgia. O grande fabulista dessa Idade é o escravo Fedro (15 a.C/50 d.C.) que aprimorou a forma da fábula esópica e consolidou-a como Tradição, cuja influência atravessa toda a Idade Média.
- III) A **Terceira Idade**, a Moderna, considerada a idade de ouro da fábula, elevada que foi à alta categoria poética por La Fontaine (1621-1695) e difundida por toda a Europa por nomes como: Lamotte (França), Samaniego e Iriarte (Espanha), John Gay (Inglaterra), Lessing (Alemanha), Katz (Holanda), Bogdanowstch e Kriloff (Rússia) e Manuel Mendes da Vidigueira (Portugal), - conceituado humanista do séc. XVII, que publicou várias edições e reedições das Fábulas de Esopo traduzindo-as diretamente do grego.

- IV) A **Quarta Idade**, a Contemporânea vê, por um lado, o crescente desinteresse pelo gênero da fábula esópica no âmbito da literatura adulta e, por outro, um crescente interesse pelo fabulário tradicional no âmbito da literatura para crianças. Principalmente a partir dos anos 60/70 (quando se dá o *boom* da Literatura Infantil) até os nossos dias evidencia-se que as antigas fábulas têm sido redescobertas e não só reinventadas em seus temas de origem. O denominador comum a todas elas - tradicionais ou reinventadas - é a crítica lúdica aos erros dos indivíduos ou da sociedade e a escolha de animais como personagens, convivendo com os humanos.

As divisões acima sugeridas são importantes para conduzir à aceitação desse gênero literário clássico e permitir a caracterização da obra *Animal Farm* como circunscrita na categoria *fábula*, uma vez que a narrativa apresenta personagens animais personificadas, ou seja, a elas são atribuídas características ou qualidades humanas, tal como o pensamento e a expressão verbal.

Uma questão que poderia ser levantada diz respeito à ausência da moralidade explícita, ou seja, a obra abre brechas para que o próprio o leitor reflita sobre a trama. Com relação a este fato, Cusatis (2008:10) propõe diferenciar “texto aberto” de “texto fechado”. Segundo ele, um texto aberto é qualquer texto literário em prosa ou verso com função de apresentar múltiplas possibilidades de interpretação àquele que o lê, ou seja, a leitura dependeria da competência e das capacidades inferenciais do leitor. Sob esta ótica, *Animal Farm* poderia ser classificado como um texto dito “aberto”.

Bloom (1991:8) assinala que a obra *Animal Farm* é, acima de tudo, uma fábula. Como tal, mostra-se carregada de sentido imaginativo. Talvez se trate de uma característica que desde sua publicação em 1945 tenha possibilitado tantas interpretações. Por seu teor, George Orwell garantiu que sua obra adquirisse espaço entre os cânones literários.

2.4 - Considerações sobre Ideologia, Poder, Linguagem, Discurso

Para descrever essas considerações, tarefa árdua em se tratando de conceitos amplos e ainda, e de extensas bibliografias como constatado nas evidências disponíveis, temos como base, portanto, escritos de Eni P. Orlandi (1987), José Luiz Fiorin (2007) e Roland

Barthes (2007) sobre linguagem, discurso e ideologia. No que concerne ao último item, ideologia, considera-se particularmente as colocações de Terry Eagleton (1997).

2.4.1 - Ideologia/Poder

Tratar de ideologia implica pensar além de sua significação primeira. Implica, em sentido amplo, abandonar o cerne em direção às periferias. Significa, como em movimento espiral, deslocar o olhar para os limiares, lá onde o termo se fricciona com seus correlatos teóricos ofertados pela(s) língua(s).

A evidência disponível sugere que a origem do termo ocorreu com Destutt de Tracy (1754-1836), que criou a palavra *Ideologia* e lhe deu o primeiro de seus significados: *ciência das idéias*. Tracy buscava fundamentar uma ciência que explicasse as leis e os mecanismos universais, conducentes à gênese das idéias. Através da ideologia, de acordo com de Tracy, não só se acederia a uma melhor compreensão dos modos de pensamentos do ser humano, mas também dos fenômenos de ordem social e política.⁹

Eagleton (1997:62) destaca que as palavras que terminam com “-logia” apresentam uma característica peculiar: significa a ciência ou estudo de algum fenômeno, mas, em virtude de um curioso processo de inversão, as palavras assim terminadas passaram, em muitos casos, a significar o fenômeno estudado, mais do que o conhecimento sistemático do próprio fenômeno. Assim, ideologia, de acordo com Eagleton, que originalmente significava o estudo científico das idéias humanas, passou a referir-se ao próprio sistema de idéias.

Não poderíamos deixar de citar, Karl Marx, que concebe a ideologia como consciência falsa, proveniente da divisão do trabalho manual e intelectual. Surgem então os ideólogos ou intelectuais que passam, através de idéias impostas, a dominar através das relações de produção e das classes que se geram na sociedade, invertendo ou camuflando a realidade para os ideais ou vontades da classe dominante ou opressora. Dessa maneira, o conceito de ideologia aparece relacionado com a luta revolucionária e figura como arma teórica da guerra de classes.

Segundo Eagleton (1997:15), a acepção de ideologia mais amplamente aceita é a de legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante, pois aquele que domina a produção material controla

⁹ Fonte: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/ideologia.htm>

também a produção mental. A ideologia, de acordo com Eagleton, tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê; com quem e com que finalidade; do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento. Eagleton afirma que se deve falar em ideologia com respeito aos usos específicos da linguagem, produtores de determinados efeitos, representando os pontos em que o poder tem impacto sobre certas enunciações e inscrevendo-se tacitamente nelas.

Como os linguistas poderiam dizer, o que é enunciado é inteiramente vulnerável às condições da enunciação; o que interessa não é tanto o que é dito, mas quem o diz e para que propósito. (Eagleton, 1997:100)

Seguindo essa reflexão sobre o termo ideologia, Thompson (1998:76), na sua reformulação do conceito de ideologia, procura reenfocar esse conceito numa série de problemas que se referem às interrelações entre sentido (significado) e poder. Segundo ele, o conceito de ideologia pode ser empregado para se referir às maneiras como o sentido serve em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas o que ele denominou “relações de dominação”. Ideologia, na visão de Thompson, é sentido a serviço do poder.

Martin Seliger, filósofo político, em seu livro “Ideology and Politics” citado por Eagleton (1997:50) argumenta que as ideologias são, tipicamente, misturadas de enunciados analíticos e descritivos, de um lado, e prescrições morais e técnicas, de outro. Combinam conteúdo fatural e compromisso moral em um sistema coeso, e é isso que lhe confere o poder de conduzir a ação. A definição de ideologia segundo Seliger é destacada por Eagleton (1997:17):

Conjunto de idéias pelas quais os homens postulam, explicam e justificam os fins e os meios da ação social organizada, e especialmente da ação política, qualquer que seja o objetivo dessa ação, se preservar, corrigir, extirpar ou reconstruir uma certa ordem social.

Um outro olhar sobre ideologia como sendo expressão de uma vontade, uma esperança, ou uma nostalgia, mais do que uma descrição da realidade é referida por Eagleton (1997:27):

As ideologias para serem verdadeiramente eficazes devem dar algum sentido, por menor que sejam, à experiência das pessoas, como nos lembra John Elter, as ideologias dominantes podem moldar ativamente as necessidades e os desejos daqueles a quem elas submetem, mas devem também comprometer-se com as necessidades e desejos que as pessoas já tem, captar esperanças e carências genuínas.

Poderíamos nomear as vontades e desejos de um ser como *auto ilusão*: vontade de tornar as condições de vida mais favoráveis, se instalando assim, a ideologia. A ideologia comenta Slavoj Zizek¹⁰, em sua dimensão básica, é uma construção de fantasia que serve de apoio para nossa própria realidade, uma *ilusão* que estrutura nossas relações afetivas, reais e, com isso, mascara um núcleo insuportável, real, impossível. De acordo com Eagleton (1997:154), o sujeito da ideologia existe apenas pela ignorância de suas verdadeiras condições. A própria mente, afirma ele, é constituída por uma distorção e uma alienação crônicas, e de que a *ideologia*, assim é seu habitat.

2.4.2 - Linguagem/Ideologia/Poder

No seu artigo “*Língua e Ideologia: a reprodução do preconceito*”, Britto (2003:135) postula ideologia não como idéias, mas como sentido de expressão de um pensamento hegemônico, formas de impor uma representação da realidade, conceito marcado por interesses políticos, sociais (idéia de classe). Segundo ele, os jogos da linguagem são ciladas armadas para a disputa política pelo poder na sociedade, logo tramas ideológicas. Britto (Id.Ib) afirma ainda que: “o jogo ideológico é forte. Nele se articulam palavras e conceitos, construindo uma rede de significações que perpassam o cotidiano das pessoas”.

De acordo com Thanasoulas (2009) no artigo “Language and Power in Education” publicado no site Developing Teachers, linguagem é uma prática social, não um fenômeno que funciona num vácuo. Quando nós falamos ou escrevemos nós adaptamos nosso discurso de acordo com uma determinada situação de comunicação, criando uma situação intencional. Ação que determina e é determinada pelas

¹⁰ Slavoj Zizek. *The Sublime object of Ideology*. London, 1989, p. 45.

estruturas e instituições sociais da quais fazemos parte. Fairclough, citado por Thanasoulas (2009), nos revela que subestimamos a importância da linguagem na produção, preservação e mudanças das relações de poder na sociedade e a contribuição para a dominação das pessoas. Segundo Eagleton (1997:17) o poder não é algo confinado aos exércitos e parlamentos: é na verdade, “uma rede de força penetrante e intangível que se tece em nossos menores gestos e declarações mais íntimas”.

Fiorin (2007:28), afirma que a linguagem é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e outros homens. A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, a condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens é o que comumente se chama ideologia:

(...) ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social (...), formação discursiva dominante é a da classe dominante (...). O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”. E essa imposição pode ser denominada como poder. (Fiorin (2007:28).

Barthes (2007:4) pontua que não vemos o poder que reside na língua, “porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva”. Ele destaca também, que a língua não se esgota na mensagem que engendra, que origina, pode ressoar outra coisa para além do que é dito. A língua, segundo ele, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista, ela é simplesmente fascista: “pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Igualmente destacamos as colocações de Koch (1984:29):

Não basta conhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua: é preciso saber reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção.

Em simetria com essa concepção de ideologia e poder, Barthes (2007:3) descreve poder como objeto político, ideológico e está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. Barthes afirma que “o poder é simetricamente perpétuo no tempo histórico: expulso aqui, reaparece ali, nunca perece. Façam uma revolução para destruí-lo e ele vai, imediatamente reviver, regerminar num novo estado de coisas”. Importante destacar que para Barthes (2007:4) o poder se expressa através da linguagem, e a linguagem segundo Fiorin (2007:28), “é o veículo das ideologias”.

Refletindo sobre as colocações de Barthes relacionadas à linguagem e ao poder, pode-se inferir que não há liberdade nas circunscrições da língua. Sempre vamos ser manipulados por ela, seja de forma sintática ou morfológica. Somos, segundo Barthes, de uma maneira ou de outra, manipulados pela língua: “[...] assim que a língua é proferida, entra a serviço do poder: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua”, (Barthes, 2007:6).

2.4.3 - Linguagem/Discurso/Ideologia/Poder

De acordo com Pêcheux (apud Eagleton, 1997:169), uma formação discursiva pode ser vista como um conjunto de regras que determina o que pode e deve ser dito a partir de certa posição na vida social. As expressões tem significado apenas em virtude das formações discursivas em que ocorrem, mudando de significado quando são transportadas de uma para outra. Cada formação discursiva está por sua vez, encerrada em uma formação ideológica, que contém práticas não discursivas, assim como práticas discursivas.

De acordo com Fiorin (2007:16) é no nível do discurso que se deveriam estudar as coerções sociais que determinam a linguagem. Fiorin pontua que há no discurso o campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. O falante usa estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentidos de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor.

Koch (1984:19) esclarece que a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – o homem tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões. Por essa razão, segundo a pesquisadora, poderia se afirmar que o ato de argumentar constitui o ato

linguístico fundamental, pois a todo e qualquer *discurso* subjaz uma *ideologia*.

Como já observado acima, para Fiorin (2007:18) a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. A realidade exprime-se pelos discursos. As formações ideológicas só atingiriam existência através das formações discursivas.

O conjunto de elementos semânticos habitualmente usados nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Certos temas se cristalizam, são recorrentes na maioria dos discursos. Ex. o dinheiro não traz a felicidade. Fiorin (2007:19)

Para Fiorin (Id.Ib.), na medida em que as formações discursivas materializam as formações ideológicas e estas se relacionam às classes sociais, os agentes discursivos são as classes e as frações de classes. O árbitro da discursivização não são os indivíduos, mas as classes sociais. O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale. É o discurso, portanto, que vai revelar quem é o sujeito, qual a sua visão de mundo¹¹. O componente semântico do discurso continua sendo determinado por fatores sociais. É esse componente que contém a visão de mundo veiculada pela linguagem.

A linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação às formações sociais e, determinada por fatores ideológicos. A determinação ideológica revela-se no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Fiorin (2007:73)

2.4.4 - Discurso

Rodrigues e Tafarello (2009) postulam que dependendo da linha teórica que for utilizada, o discurso pode significar coisas diferentes. Na

¹¹ “Visão de mundo” segundo o sociólogo romeno Goldman citado por Eagleton (1997:100), se refere a uma organização específica de categorias mentais que informam a arte e o pensamento de um grupo social, sendo o produto de sua consciência coletiva. Ex: artistas.

Pragmática o discurso significa atos de fala. Na Língua Textual o discurso significa aquilo que o homem produz verbalmente e pode implicar diversamente um espaço de investimentos sociais, políticos e ideológicos materializados na língua enquanto sistema verbal e ainda o que constitui os sujeitos.

Na definição de Fiorin (2007:11) discurso seriam combinações de elementos linguísticos (frases) usadas pelos falantes para exprimir seus pensamentos. Ele postula que temos que diferenciar no interior do discurso uma *sinaxe*: processos de estruturação como, por exemplo: discurso direto, indireto, indireto livre, e uma *semântica discursiva*: elementos semânticos que surgem a partir de outros discursos já construídos e constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social, constituindo os *temas* e as *figuras*, como exemplo cita o dito popular: “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada” De acordo com Fiorin a “semântica discursiva é o campo da determinação ideológica propriamente dita”. (Apud, 2007:19).

O quadro epistemológico para análise do discurso de acordo com Orlandi (1997:108) se apresenta como a articulação de três regiões do conhecimento científico:

- a) Materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria da ideologia;
- b) A linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
- c) A teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Orlandi (2001) e Pêcheux (1997) citados por Rodrigues e Tafarello, afirmam que seguindo a linha francesa na análise do discurso (AD), a ideologia se materializa no discurso enquanto conjunto de valores e crenças, que constituem as práticas sociais dos sujeitos. Infere-se dessa colocação, que a compreensão do enunciado implica compreender a formação social em que este enunciado foi produzido em termos ideológicos, de relação de poder, ou seja, condições de produção do discurso.

Neste sentido, as considerações acima acerca da relação entre linguagem e sociedade podem explicar como o discurso determina e é determinado por estruturas sociais, pelas posições das pessoas na sociedade. Técnicas são usadas para manter o poder, o controle, o

domínio entre diferentes posições sociais, o que constitui o dominador e o dominado. Como exemplos:

- (a) o discurso entre um policial e uma testemunha de um assalto: na maneira que o policial direciona as perguntas, no estresse que causa;
- (b) o discurso entre um médico e um estudante: como o médico avalia o estudante através de palavras e gestos, que poderiam ser julgadas como arrogantes ou insolentes quando usadas para iguais ou superiores.

Bourdieu (1996:91) pontua que a especificidade do discurso de autoridade reside no fato de que não basta que ele seja compreendido, é preciso que ele seja reconhecido como tal para que exercer seu efeito próprio. Para ele, a eficácia do discurso que pretende fazer acontecer é proporcional à autoridade daquele que o enuncia, com poder de impor uma visão através do poder que a palavra garante, e, acrescenta Bourdieu (1996:101): “Fico pensando no desenho de Schulz no qual se ve Snoopy dizer: De que maneira ser modesto quando se é o melhor?”.

2.5 - Considerações sobre tradução

Neste subitem buscamos selecionar estudos que versam sobre teorias e processos de tradução relacionados com questões do uso da linguagem conduzindo à análise da tradução de excertos do discurso do personagem Squealer/Garganta, focalizando algumas das escolhas linguísticas nas duas versões examinadas.

A bibliografia relacionada aos estudos, teorias, métodos e processos envolvendo a tarefa de traduzir é ampla, como afirma Steiner (2005:259). Ele divide a bibliografia em períodos que compreende desde 46 a.C. com Cícero que recomenda em seu *Libellus de optimo genere oratorum* que não se traduza *verbum pro verbo* (palavra por palavra); o tratado de Huet, publicado em Paris em 1680, “um dos relatos mais completos e substanciais sobre a natureza e os problemas da tradução” segundo Steiner (2005:260); Hölderlin em 1804, comentando sobre suas traduções de Sófocles; para citar alguns importantes estudos desse período.

Steiner (2005:260) destaca o período que se estende desde 1813 até 1946 como sendo marcado pela “teoria e a investigação

hermenêutica. A questão da natureza da tradução é posicionada no interior das teorias mais gerais da linguagem e da mente”. A abordagem hermenêutica, de acordo Steiner, se deu início com Schleiermacher e seguida por Schlegel e Humboldt. Ocorre um intercâmbio entre teoria e necessidade prática o que resulta em relatos que incluem textos de Goethe, Schopenhauer, Elza Pound, Walter Benjamin entre outros, sobre a atividade do tradutor e sobre as relações entre as línguas.

Depois disso, nos relata Steiner (2005:260), entramos no contexto moderno, onde circulam os primeiros trabalhos sobre tradução automática. Surgem revistas especializadas em assuntos de tradução e as sociedades internacionais de tradutores. A linguística estrutural e a teoria da informação são introduzidas na discussão do intercâmbio entre línguas. Steiner (2005:261) nos revela que, sob muitos aspectos, ainda estamos nesta terceira fase:

A “descoberta” do artigo de Walter Benjamin “A tarefa do tradutor”, publicado pela primeira vez em 1923, (...), causou um retorno à hermenêutica, a investigações quase metafísicas sobre tradução e interpretação (...). A filologia clássica e a literatura comparada, a estatística lexical e a etnografia, a sociologia dos níveis de fala, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática se combinam num esforço para se clarificar o ato de traduzir e o processo da “vida entre línguas.

Entretanto, apesar dos esforços dos tradutores para explicar a arte do “bem traduzir” as questões continuam e abrangem não somente os processos de tradução interlingual, mas bem como, o questionamento se a tradução entre línguas diferentes é mesmo possível de ser realizada.

De acordo com Rajagopalan (1997:42), a tradução, tradicionalmente, sempre foi tratada como um certo ar de “desconfiança” e muitas vezes com desprezo: “Dizeres como *Traduttore, Traditore* são prova disso. A moral da estória quase sempre foi: só se deve recorrer ao texto traduzido na absoluta impossibilidade de ler o original”.

Steiner (2005:262) pontua que a permanente questão de saber se a tradução é de fato possível está enraizada nas antigas dúvidas religiosas e psicológicas quanto à possibilidade de haver qualquer passagem de uma língua a outra. Ele nos diz que depois do fim do século XV o postulado da intraduzibilidade se funda na convicção formal e

pragmática, de que não pode haver efetiva simetria ou espelhamento adequado entre dois sistemas semânticos diferentes.

Pelo fato de todo dizer humano consistir de signos arbitrariamente selecionados e intensamente convencionalizados, o significado não pode nunca ser totalmente separado da forma de expressão. Mesmo os mais puramente ostensivos e aparentemente neutros estão incrustados em peculiaridades linguísticas, num intrincado molde de costumes socioculturais. (Steiner, 2005:263)

Tradicionalmente, o argumento da dissonância semântica e de que a “força, o *ingegno* de uma língua não pode ser traduzido” conforme relata Steiner (2005:263), está mais relacionado à poesia, mas os mesmos pontos podem ser alegados a respeito da prosa. Relevante citar o que escreveu Leopardi citado por Steiner (2005: 265) em relação ao argumento da dissonância semântica:

As idéias estão embutidas e quase incrustadas nas palavras semelhantemente a pedras preciosas num anel. As idéias efetivamente se incorporam às palavras como a alma ao corpo de modo a constituir um único todo. As idéias são, portanto, inseparáveis das palavras e, se separadas delas, já não são mais as mesmas. Elas escapam de nosso intelecto e de nossas capacidades de compreensão; elas se tornam irreconhecíveis, precisamente o que aconteceria a nossa alma se fosse separada do corpo.

O pleito pela tradução deve também seus antecedentes religiosos e místicos, como nos informa Steiner (2005:266), um aspecto essencialmente prático motivado pela necessidade de difundir os Evangelhos em outras línguas com a justificativa de que: “só a tradução poderia assegurar que o homem moderno não seria privado da sabedoria e dos benefícios do passado”. E, afirma Steiner, da Renascença a Reforma, a tradução absorveu, deu forma e orientou a necessária matéria-prima e estabeleceu uma lógica da relação entre o presente e o passado.

A temática sobre intraduzibilidade *versus* traduzibilidade persiste até os nossos dias. Mas, como afirma Steiner (2005:274):

É absurdo descartar a validade da tradução porque ela não é sempre possível e nunca perfeita. O que de fato exige clarificação, dizem os tradutores, é o grau de fidelidade a ser buscado em cada caso, a tolerância permitida, como entre diferentes produtos do mesmo trabalho.

A tradução, devido principalmente a sua importância como meio de difusão do conhecimento histórico, científico e cultural, conquista cada vez mais espaços. Como resultado, publicações voltadas à crítica, à teoria e à prática da própria tradução, permeando diversificadas áreas do conhecimento, estão sendo disponibilizadas. Os movimentos neste sentido “parecem estar motivados por um interesse genuíno nos mecanismos e problemas da tradução e no “processo da vida entre línguas” (Arrojo, 1998). Os estudos citados a seguir, exemplificam o que vem sendo formulado acerca do exercício tradutório.

James S. Holmes, citado por Figueredo (2005:101), propôs um enfoque mental dos processos de tradução, que denominou «mapping theory», e que sintetiza na frase seguinte:

Entendo que, na realidade, o processo de tradução é realizado em vários níveis: quando estamos traduzindo traçamos mentalmente um esquema do texto original e ao mesmo tempo, outro do tipo de texto que desejamos produzir no idioma meta. Mesmo quando nós traduzimos de frase em frase, nos apoiamos em tal conceito estrutural, de modo que cada frase da tradução não está determinada somente pelo original, mas pelos dois esquemas do texto original e pelo texto que está se formando no ato da tradução.

Com Holmes, a tradução passa a ser entendida como fenômeno dinâmico e complexo. Estaria dotada de três fases: função, processo e produto. A atividade tradutora, por sua vez, sugere evocar múltiplas competências, sendo a principal, a que tem por base a consciência de que a produção tradutiva de um texto deve levar em conta a sua função

específica, a cultura receptora e sua localização espaço-temporal em determinados contextos pragmáticos e sócio-culturais. Sendo assim, a tradução exerce seu papel de, ao aproximar culturas e línguas diferentes, contribuir para o enriquecimento da língua e a renovação da literatura.

Focalizando a tradução em sua obra, Jakobson (1971:64) distingue três tipos de tradução:

- (a) *A tradução intralingual*, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- (b) *A tradução interlingual*, que envolve duas línguas diferentes, e
- (c) *A tradução intersemiótica*, que envolve a interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Apesar de Jakobson definir que a tradução interlingual “envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”, comenta que, mesmo na tradução intralingual “não há equivalência completa entre as unidades de código” (1971:65). Dessa maneira, explica que “a equivalência na diferença” constitui o principal problema da linguagem e a principal preocupação da tradutologia.

Considerando que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua diferente”, Jakobson (1971:69) conclui que as “línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar”. Ou seja, as diferenças existentes entre os sistemas linguísticos não impossibilitam a tradução, uma vez que, quando há uma deficiência, é possível adaptar e ampliar a terminologia mediante palavras ou traduções emprestadas, com neologismos ou mudanças semânticas e, por último, mediante circunlóquios.

Com esta revisão bibliográfica relativa aos estudos sobre a tradução, foi possível perceber que, ao longo da linha do tempo, desde Cícero até os apontamentos gerados na modernidade e pós-modernidade, a linguagem, se não sempre, se coloca como a primordial questão que envolve a comunicação nas diversificadas formas: escrita, oral, imagética, gestual, e sendo estudada nas mais diversas áreas do conhecimento: sociologia, filosofia, psicologia, literatura, linguística, tradutologia, e, segundo Arrojo (1998) parece estar motivada por um interesse genuíno nos mecanismos e problemas da tradução e no “processo da vida entre línguas”.

Rajagopalan (1998) destaca que a grande mudança que o espírito do pós-modernismo instaura é a idéia de que, longe de ocupar um lugar

periférico, a linguagem está no centro dos acontecimentos. Com isso, veio a percepção de que é na própria linguagem e não através dela, e, muito menos, apesar dela, que os importantes rumos da nossa história são tomados.

3 - ANÁLISES

3.1 - Contextualizando o objeto de estudo: os porcos numa perspectiva histórico-social

Em *Animal Farm* os porcos são alçados ao topo da hierarquia entre os outros “animais/personagens”. Descritos como literatos e inteligentes, imediatamente se tornam os líderes da revolução.

Como o foco de investigação recai sobre a personagem *Squealer*, justamente um “porco personificado”, a análise aqui proposta exigiu entendimento mais profundo de aspectos que permeiam o objeto de estudo selecionado, bem como as conceitualizações paralelas historicamente definidas em relação aos estereótipos que, por *default*, constituem nossa própria imagem a respeito do “porco”. Ao assimilar determinada língua, no escopo de uma cultura, boa parte dos estereótipos conceituais nos é relegados *prêt-à-porter*. A figura do porco traz consigo tantas “estampas” quantas forem as culturas nas quais as conceitualizações se desenvolvem.

Quando se fala em personificação, figura da retórica classificada como animismo e prosopopéia, faz-se referência fundamentalmente à permuta de traços semânticos que incidem sobre o significado e não nomeadamente sobre o significante. Atribui-se qualidades, comportamentos, atitudes e impulsos humanos a coisas ou seres inanimados, particularmente aos animais, criaturas ditas “irracionais” segundo a visão antropomórfica correntemente veiculada.

Nas fábulas, a personificação exerce sentido simbólico, de transferência de determinadas qualidades humanas a animais, integrando-os ao âmbito humano. Assim, as bestas assinaladas como personagens da narrativa assumem características intrinsecamente humanas. Adquirem também simbologias gerais em termo de conhecimentos ocidentalmente compartilhados. Pressupostos completados por traços que emergem no desenvolvimento da trama. Por exemplo, conceitualmente o “leão” é um animal bastante conhecido por representar a força, a majestade, o poder. Todavia, George Orwell rompe com a canonicidade de conceitualizações culturalmente construídas. De forma geral, dentre os animais tipicamente citados nas fábulas, destacam-se: o leão, a raposa, o lobo, o burro, a lebre, o corvo, o cordeiro, o rato, o sapo, o boi a cobra. A adoção do “porco” como

elemento centralizador do poder na fazenda provavelmente repousa sobre intenções explícitas, tendo em vista a posição periférica e estigmatizada que normalmente envolve a figura do “porco”, a ponto de possuir, em muitas línguas, nomes distintos para nomear a “carne” e o “bicho” (respectivamente, no inglês e francês: *porc/pig, porc/cochon*).

Assim, as definições que circunscrevem o significante *porco* em diferentes registros bibliográficos, correlatos aos objetivos dessa dissertação, parecem ser de grande importância para a análise que permeia este estudo. Logo, apresentam-se, na sequência, algumas considerações julgadas importantes:

3.1.1 - Definições dicionarizadas

Segue, abaixo, alguns excertos de dicionários selecionados aleatoriamente:

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986:1367):

Porco: (do lat. porcu). S.m. 1. Mamífero da ordem dos artiodátilos, não ruminantes, originário do javali, porém existente em quase toda a parte como animal doméstico. 2. P. ext.: carne de porco. 3. Fig. Indivíduo sujo, imundo. 4. Adj.: Sujo, imundo. 5. Grosseiro, torpe, obsceno.

Dicionário Brasileiro Globo, na sua 44ª edição de 1996 (p.488):

Porco: S.m. 1. Zool.: quadrúpede mamífero (*Sus domesticus*) da ordem dos artiodátilos; não ruminante; cerdo, suíno. 2. Fig.: homem sujo; imundo; trapalhão. 3. Pop. O mesmo que porco-sujo. 4. Adj.: sujo; imundo; indecente; obsceno; torpe.

Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa (1999:728):

Porco: S.m. (do lat. porcus). 1. Denominação comum a mamíferos artiodátilos, suiformes, sem chifres, que apresentam de 38 a 44 dentes, sendo os caninos grandes e as presas curvas; suíno. Mamífero doméstico criado devido à sua carne comestível e saborosa. 2. Bras. (CE): bebedeira, embriaguez, pifão. 3. Fig.: pessoa suja, imunda, vil, obsceno, indecente, trapalhão, que faz tudo sem apuro, sem perfeição. 5. Pop.: o diabo.

Dicionário Online de Português:

1. S.m. quadrúpede mamífero doméstico da família dos suídeos, ordem dos artiodátilos. 2. Fig.: Indivíduo sujo, imundo, obsceno. 3. Pop.: o diabo; sujeito de má índole que tende a contrariar os demais.

Posições semânticas semelhantes se fazem presentes no dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (2002:953):

Pig: noun. 1. (also hog especially in AmE) an animal with pink, black or brown skin (...). Pigs are kept on farms for their meat (called Pork) or live in the wild. 2. (informal, disapproving) an unpleasant or offensive person; a person who is dirty or greedy. 3. An offensive word for a police officer.

Nietzsche citado por Eagleton (1997:175) postula em relação ao significado lexical inferido a partir de dado vocábulo:

O significado é apenas o que arbitrariamente construímos por nossos atos doadores de sentido, assim, se faz necessário uma pesquisa para além das informações semânticas e considerar o signo linguístico na sua extensão marcado por construções que são histórico-culturais, considerando que a canonicidade expressa nos dicionários não contempla por extenso as “transgressões” ficcionais.

Aceitando as afirmações de Nietzsche, se faz relevante, portanto, uma análise dos sentidos conotativos que subscritos à palavra *porco*. O sentido denotativo, ofertado pelos estudos biológicos, mais explicitamente pelas análises oriundas do ramo da zoologia, estabelecem parâmetro de identificação do “animal porco”: *quadrúpede mamífero, originado do javali, suíno, de carne comestível*. Todos estão, em maior ou menor medida, de acordo neste sentido.

Por sua vez, as conotações atreladas à unidade lexical *porco*, se constroem a partir da “visão do homem em seu meio específico”. Estas parecem substanciais para a compreensão dos atrelamentos entre comportamentos e aparências humanas e suínas, que efetivamente se sobrepõem nas definições acima apresentadas.

Aqui vale um questionamento:

— Não seriam essas denominações forma de *expição*?

Expição no sentido de reparação ou sofrimento pelo qual se “expia” uma culpa, uma falta, um castigo (Dicionário Larousse, 1999:413). Herança da tradição Judaica a ser acessada, por exemplo, nos capítulos 16 e 17 do Levítico, livro do Antigo Testamento:

Porque o sangue é a vida da carne, e esse sangue eu lhes dou para fazer o rito da expiação sobre o altar, pela vida de vocês, pois é o sangue que faz a expiação pela vida. (1990:134)

Segundo Clark (2009), no ritual da expiação os sacerdotes levavam dois bodes ao tempo de Jerusalém para que um deles fosse escolhido em sorteio e levado ao sacrifício. Posteriormente, um seria incinerado com um touro no altar dos sacrifícios suprimindo os pecados daquele que fazia a oferta da expiação. O outro animal, livrado do sacrifício, tornava-se o bode expiatório que virava um símbolo de expiação dos pecados e culpas. Depois disso, era abandonado no deserto para que os males e as influências dos demônios ficassem bem longe.

A partir do momento que o “porco” passa a ocupar função de adjetivo, evidencia-se que da classificação biológica “animal” passa a fonte traços a serem eventualmente atribuídos ao “ser humano”, como observado nas definições dos dicionários, apresentadas anteriormente. Logo, o referente para o significante “porco” remete não somente ao à categoria gramatical <nome>, *animal/suíno*, mas também ao elemento <adjetivo> repleto de traços de sentido, histórica e culturalmente atribuídos ao animal, passíveis de serem transferidos ao “humano”.

Portanto, ao fazer referência a comportamentos de determinados indivíduos usando o adjetivo “porco”, ativa-se componentes semânticos como: *sujo, imundo, obsceno, etc.* que, conjugados a outros componentes situados em campos semânticos e lexicais afins, respondem às conceitualizações culturais cristalizadas pela (e) na língua. A própria imagem do *porco animal*, relacionadas à imagem do homem, transmite a ele características historicamente construídas, participando na construção das conotações, das associações e dos exemplos registrados nos dicionários que representam os usos definidos na (e pela) língua.

No âmbito das reflexões acima é importante sublinhar que os traços semânticos que compõem uma unidade lexical são erigidos a partir de representações definidas historicamente, recebendo influências dos diversos setores que participam nesse processo de composição da língua. Nas relações do homem com os outros seres que ocupam o planeta, o homem, “situado no patamar mais alto da hierarquia” (Kundera, 1999) determina o modo de vida de outros seres. O porco, criado em cativeiro para abate, submete-se a condições que, aliadas as suas configuração de animal, o tornam sujo, imundo, paralelamente às apreciações que definiriam como sujo e imundo o homem que as praticasse. Quintás (2009) reportando-se às palavras de Ortega Y Gasset, afirma que: “*Cuidado com os termos, que são os déspotas mais duros que a humanidade padece*”.

3.1.2 - Na mitologia

O porco encontra-se relacionado na mitologia egípcia ao *Deus do Mal - Seth*: o Deus egípcio da violência e da desordem, da traição, do ciúme, da inveja, da guerra, dos animais e das serpentes; a personificação de todo o mal.

De acordo com Neto (2009), Seth era um deus representado por um homem com a cabeça de um incerto animal, um animal mítico, chamado animal-seth ou fenekh. A divindade era relacionada a vários animais como cachorro, bode, *porco*, asno, boi, hipopótamo e crocodilo. Segundo a lenda egípcia narrada pelo historiador grego Plutarco (c. 50 a 125 d.C), esse deus já nascera de forma conturbada: “veio ao mundo não no seu devido tempo, nem pelo caminho ordinário, senão lançando-se através do flanco materno, que abriu e rasgou dando-lhe um terrível golpe”.

Em relação à correspondência de Seth com o porco, Heródoto sublinhou que os egípcios consideravam os porcos animais imundos e que os guardadores de porcos, embora egípcios, eram proibidos de entrar nos templos e ainda eram obrigados a casar-se entre eles, isto é, “com gente da mesma categoria” (Neto, 2009). A matança dos porcos só era permitida para ofertá-los em sacrifício a lua ou a Osíris – deus do mundo subterrâneo, juiz e soberano dos mortos – quando então a carne era consumida.

Para explicar o sacrifício dos porcos, diz a lenda que quando Ísis, esposa de Osíris e considerada a divina mãe, foge para o delta para garantir a segurança de seu filho Hórus, considerado o deus do sol, ela assume a forma de um pássaro e fica vigiando para ver se o violento

monstro Seth, o porco selvagem aparece. Em versões dessa lenda, Osíris é morto por Seth sob a forma de um porco ou javali. Sacrifícios desse animal eram, portanto, um ato de vingança ao assassino de Osíris que teria assumido a forma de um porco negro.

3.1.3 - Na visão sacra

De acordo com Stephan (2009) a história do porco é marcada por amores e desamores, ocupando lugar notoriamente significativo nas religiões, sobretudo na Judaica e na Islâmica. Vários registros na Bíblia corroboram para a construção negativa da figura do porco. Os textos sacros como o Levítico, capítulo 11, pregava aos judeus que:

São esses os animais que poderão comer entre todos os animais terrestres. Vocês poderão comer todo animal que tem o casco fendido, partido em duas unhas e que ruma. Dentre os animais que ruminam ou tem o casco fendido vocês não poderão comer as seguintes espécies: (...) considerem impuro o porco, pois apesar de ter o casco fendido, partido em duas unhas, não ruma. (...). Não comam a carne desses animais, nem toquem o cadáver deles, porque são impuros. (1990:126)

Fedeli (2009) destaca que no Antigo Testamento Deus proibiu que se comessem certos animais, considerados impuros, por razões simbólicas ou de higiene, ou ainda porque eram animais sacrificados aos ídolos. Mas a razão principal da proibição da carne de porco, segundo o autor, decorria de seu “símbolo”; “o porco tem uma dobra no pescoço, que o obriga a olhar para baixo, esse animal só olha para o chão. Deste modo, ele simboliza aqueles que só tem olhos para o que é terreno, só para o que é vil, e jamais olham para o céu”. Outro fator adicionado a proibição concerne à rumação. A rumação no Antigo Testamento é símbolo da meditação. Do mesmo modo que o ruminante mastiga várias vezes o alimento para após ingeri-lo, assim também quem medita faria o pensamento voltar várias vezes à mente, para melhor aproveitá-lo, como observado na passagem de Deuteronômio 14:8:

Quanto ao porco que tem o casco fendido, mas não ruma, vocês o considerarão impuro: não comam sua carne, nem toquem no seu cadáver. (1990:212).

No Novo Testamento encontramos passagens que associam a figura do porco ao profano, àquilo que não é sagrado ou ao pecado humano, como constatado em Mateus 7:6:

Não deem aos cães o que é santo, nem atirem pérolas aos porcos: eles poderiam pisá-las com os pés, e virando-se, despedaçar vocês. (1990:1246).

Lucas 8:27,33,(1990:1323) relata que quando Jesus e seus discípulos desembarcaram na região dos gerasenos, um homem possuído por demônios se aproximou deles. Jesus ordenou que os espíritos maus saíssem do homem, permitindo que fossem para os porcos:

Havia aí perto uma numerosa manada de porcos, pastando na montanha. Os demônios pediram a Jesus que os deixasse entrar nos porcos. Jesus deixou. Os demônios saíram do homem, e entraram nos porcos. E a manada atirou-se monte abaixo para dentro do lago, onde se afogou. (1990:1323).

Essa fama negativa, que pode eventualmente ter dado origem à expressão “espírito de porco”, colaborou para que no período da escravidão, nenhum dos escravos quisesse realizar a tarefa de matar os porcos nas fazendas. Entre os escravos havia a crença de que o “espírito” do porco ficava no corpo de quem o matava e atormentava pelo resto de seus dias.¹²

3.1.4 - Na literatura

As considerações histórico-culturais envolvendo representações do porco que estão sendo relatadas neste estudo espelham a predominância da imagem negativa circunscrita em torno desse animal e, que mesmo em face de estudos de profissionais ligados a área da zootécnica, descritos a seguir, que esclarecem pontos sobre características físicas e biológicas da espécie, “(...) as imagens negativas parecem predominar” como afirma Myoshi (2009).

¹² Fonte: http://pt.wiktionary.org/wiki/esp%C3%ADrito_de_porco

No artigo *A História do Porco*, Myoshi (2009) relata o relacionamento ambíguo entre os seres humanos e os suínos. De um lado, o porco constitui símbolo de fartura: a célebre figuração do “cofrinho de moedas” deriva das formas abundantes e também de sua prodigiosa fecundidade. Entretanto, se não for considerado o mais vil dos animais, o porco é julgado o mais sujo. Nenhum outro animal assume e personifica tantos vícios agrupados: o porco representa a gula, a luxúria, a preguiça, a ganância, e, por vezes, também, sem que se compreenda bem as razões para tal, **a ira**.

A espécie carrega fama de ser sujo e possuir odor desagradável. Em relação ao cheiro característico do porco, Watson citado por Nogueira (2005) afirma que o odor é essencial para a comunicação entre os suínos, assim como o é para outras espécies. Cada animal possui espalhadas pelo corpo nove glândulas que secretam substâncias odoríferas fundamentais para a coesão do grupo. Quanto à caracterização de sujo, importante sublinhar que esse animal não possui glândulas sudoríparas, logo se revolve na lama como um meio para reduzir a temperatura corporal. Descendente do javali eurásico, o porco doméstico sente-se melhor em temperaturas entre 16 e 20 graus Celsius, acima desta temperatura o calor fica insuportável para esse animal, o que o faz se sentir desconfortável.

Myoshi (2009) cita a obra *Le Cochon: Histoire d'Un Cousin Mal Aimé* de Michel Pastoreau, lançado na França ano passado (2009) pela editora Gallimard, como referência para “deslocar um pouco o modo de ver a nossa relação com os animais e também – é claro – conosco mesmos”. Pastoreau (apud Myoshi, 2009) nos lembra que o porco é o animal, biologicamente, mais próximo do homem. O parentesco entre o homem e o porco vem sendo corroborado pela ciência como tendo 95% de genes comuns. Semelhanças anatômicas entre humanos e porcos são observáveis, por exemplo, no trato digestivo, nos dentes, no fígado, no coração. Porcos são suscetíveis a algumas doenças que acometem humanos – como o câncer, reumatismo e artrite - além de responder de forma idêntica à ação de alguns medicamentos. Por tais razões, o porco se destaca entre as cobaias utilizadas para pesquisas médicas de transplantes ou de novas drogas.

“Do porco tudo se aproveita” diz o dito popular. Agora oportuno uma interpretação literal da expressão e repensarmos nos preconceitos e tabus que são determinados pela força dos usos linguísticos, desde a Pré-história, fazendo parte da paisagem da China à Mesopotâmia e à Grécia. Durante anos fonte de carne vermelha na Europa Medieval de acordo com Nogueira (2005), sendo citado por Aristóteles na obra *A*

história dos Animais parte das *Obras Completas* e na literatura clássica na obra *Odisséia* atribuída a Homero.

Preconceitos, tabus, desinformações, provavelmente sejam estes motivos que levaram os jornalistas Chico Faganello e Dauro Veras a produzir o documentário: *Espírito de porco* (2009), realizado em Santa Catarina e cujo material para a pesquisa “foi obtido através de depoimentos e conversas com suinocultores, trabalhadores, especialistas e com a população da região de Seara, Concórdia e Arvoredo, em Santa Catarina”, como informa o jornalista e Doutor em Ciência Política, Leonardo Sakamoto no seu artigo “O porco não é culpado pela porcária dos outros”, postado em seu blog em agosto de 2009.

Sakamoto (2009) cita trechos da resenha do jornalista Maurício Reimberg sobre o documentário. Destacamos um dos trechos:

Na tarefa de mostrar “onde o homem se emporcalha e o porco se humaniza”, o documentário adota um foco narrativo “suinocêntrico”. No filme, um porco abatido volta à terra, na condição de espírito, para apontar a responsabilidade dos humanos na exploração da atividade. Provocação? Na verdade, a opção pela “comédia das semelhanças” é, sobretudo, uma estratégia de abordagem para o caráter “irreal” deste modelo de negócio, que reúne a ganância dos produtores, as demandas e ditames do comércio internacional, a débil fiscalização do Estado e a desinformação do consumidor final.

O foco central do documentário, que foi selecionado para o 11º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), entre 556 obras de 55 países, como revela Faganello (apud Sakamoto, 2009), é sobre a “responsabilidade ambiental”, mas poderá contribuir para repensarmos sobre o porco, da responsabilidade que nos cabe e tirar da lama a fama que circunda o animal, como nos diz Sakamoto (2009): “eliminar a sujeira nociva e dissipar o seu odor fétido. Nos chiqueiros e fora dele”.

Através dos embasamentos descritivos sobre o porco corroboramos com Lyall Watson, botânico sul africano, citado por Nogueira (2005), que aponta que a opção George Orwell por porcos para serem os líderes da fazenda, não se deu por acaso: “Sob o

zoomorfismo da história que sustenta sua proposta ideológica, Orwell exhibe um conhecimento preciso do designer biológico”. Na opinião de Watson, a lama do chiqueiro esconderia um animal dotado de inteligência notável – comparável a dos golfinhos, elefantes e grandes primatas. Entretanto, com tantas designações semânticas atribuídas ao signo porco, como mostramos neste capítulo, e sendo ele o porco representante simbólico da gula, da luxúria, da preguiça, da ganância, e até da ira, de acordo com Myoshi (2009) podemos inferir que a decisão do escritor, em eleger os porcos como protagonistas da fábula, pode ter sido influenciada pelo conjunto de traços semânticos atribuídos à unidade lexical *porco*, boa parte explicitados nos dicionários de uso corrente.

Até aqui tratamos do *porco* de maneira genérica. Doravante, sublinharemos a figura do Squealer, a personagem porco, personificada, porta-voz do poder, enunciação plena, verbalização persuasiva e justificativa dos atos praticados para a tomada do poder, ideologicamente sustentado.

3.2 - Especificando o objeto de estudo: Squealer/Garganta

3.2.1 - O nome: Squealer/Garganta

O dicionário Oxford (2002:1. 256) nos apresenta as seguintes definições em relação à entrada *squeal*:

Squeal: Verb: 1. To make a long, high song. (...). 2. To speak in a very high voice especially when you are excited or nervous. 3. To give information. (...). Noun: a long cry or sound.

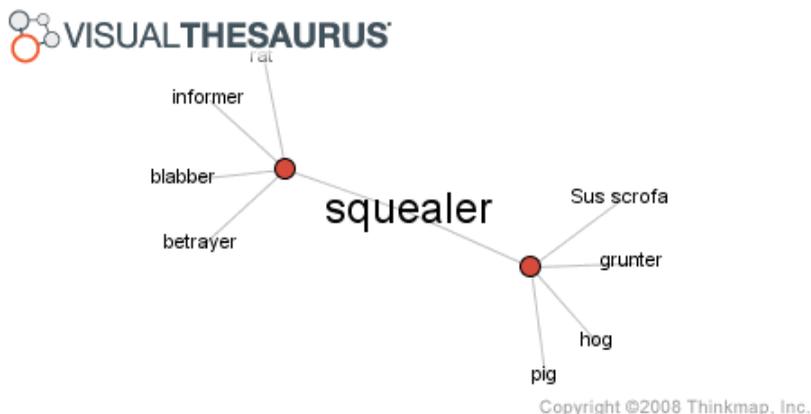
O dicionário citado acima, não apresenta a palavra *squealer*. Na busca pelo termo, encontramos citações em dicionários *on-line*, principalmente em dicionários de Thesaurus. Destacamos algumas definições a seguir:

No “The Free Dictionary” temos:

Squealer: 1. Noun: one who reveals confidential information in return for money;
- Informant, source: a person who supplies information;

- Nark: an informer or spy working for the police.
- 2. Domestic swine: pig, pork, hog, grunter.

O dicionário *on-line* “*thesaurus.com*” apresenta o termo *squaler* como sendo sinônimo de diversificados termos, representado graficamente¹³:



Inferimos, através desse esquema etimológico, que a escolha de Orwell para nomear o personagem de *Squealer* foi intencional, considerando que os nomes dos personagens, muitas vezes, vão além da mera função de “batismo” e atendem ao propósito de atribuir significações mais amplas que recaiam sobre aspectos físicos e/ou psicológicos ao seu possuidor, como afirma Pour (2009): “nomes próprios podem revelar informações por eles mesmos”. O tradutor Heitor Aquino Ferreira traduziu o nome por *Garganta*.

Segundo Albin (2003) se um tradutor deseja que o seu texto na língua alvo seja aceito e entendido pelos seus leitores, deve agir de acordo com o que seja significativo na cultura em que o texto está sendo traduzido. Albin (2003) nos revela que para traduzir nomes é necessário encontrar as idéias culturais associadas com os nomes da língua fonte antes de decidir qual passo tomar.

Albin (2003) se reporta a Christine Nord para esclarecer que a função do nome próprio está relacionada com a identificação de um indivíduo específico. O principal critério para tradução é que essa

¹³ Fonte: <http://thesaurus.reference.com/browse/squealer>

função seja inteligível para os leitores. Em textos de ficção não há nomes que não tenham, absolutamente, uma função informativa e, se a função está explícita, o nome próprio pode ser traduzido. Como critério para tradução de nomes próprios, Pour (2009), assinala que o conhecimento dos aspectos culturais da língua fonte e o uso figurativo de termos linguísticos, devem ser considerados como elementos de base no processo de tradução.¹⁴

A palavra *Garganta*, vocábulo que aparece como tradução do nome Squealer, é utilizada, no sentido denotativo, pela anatomia, para descrever a parte do pescoço anterior à coluna vertebral, formada pela faringe e laringe. Refletindo sobre a escolha lexical de Ferreira, a evidência sugere que o tradutor empregou um equivalente para o nome Squealer não no sentido denotativo, mas numa perspectiva conotativa e até associativa do signo linguístico, construída histórica e culturalmente e cristalizada pelos seus usos que acabaram por gerar vasto leque polissêmico.

Toda e qualquer unidade lexical parece passível de apresentar pluralidade de significações. Tal fenômeno induz a pensar que palavras e expressões se revestem de novos significados conforme o contexto, ou seja, geram sentidos conotativos no seio de jogos semânticos inerentes à própria língua/linguagem.

Exemplos de cenas conotativas referentes ao signo *garganta* são alegados em dicionários, como exemplos citam-se:

- Dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, edição de 2009, página 954:

Garganta: (...). 3. p. met. A voz (é um cantor de poderosa garganta). 4. p. metf. Mentira, bravata de fanfarrão. (...). 9. Diz-se de uma pessoa que conta vantagens, bravatas ou mentiras.

- Dicionário *Novo Aurélio do século XXI*, 3ª edição de 1999, página 970:

Garganta: (...). 2. p. ext. a voz. (...) 7. Bras. Pop.: fanfarrão, ser intolerável, insuportável.

¹⁴ Para mais informações sobre traduções de nomes próprios ver: Pour, Behnaz Sanaty. *How to Translate Personal Names*. Disponível em <http://www.accurapid.com/journal/50proper.htm>.

- Dicionário *Larousse Cultural da Língua Portuguesa*, edição de 1999, página 460:

Garganta: 2. p. ext. a própria voz. (...). 5. Pop. Mentira, fanfarronice; ser um garganta: ser exagerado, metido. 6. Ter algo atravessado na garganta: não poder esquecer.

Os exemplos acima citados evidenciam a pluralidade de significados que determinado signo linguístico pode vir a apresentar, não apenas intralinguisticamente, mas também entre duas línguas, como será evidenciado em relação à *squealer* e *garganta*. O tradutor se confronta com essa variedade de significados durante sua prática. Assim, como postula Eagleton (1997:175): “se faz necessário uma pesquisa para além das informações semânticas”.

3.2.2 - A personagem: Squealer/Garganta

Voltando ao personagem Squealer/Garganta, descrito na obra como um porco castrado e gordo, possuindo características intelectuais ardilosas e notável poder de persuasão e de manipulação, provavelmente essas características do animal o tenham elevado à condição de porta voz do porco Napoleão, o líder da fazenda após a revolução.

Bourdieu (1996:82) sublinha que o porta voz exerce papel de *agente ou representante* de um grupo, assumindo poder proporcional à importância da função que desempenha:

Ele (o porta voz) recebe o direito de falar e de agir em nome do grupo, de “se tornar pelo” grupo que ele encarna, de se identificar com a função á qual ele “se entrega de corpo e alma”.

De acordo com Charaudeau (2009:52), o crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da posição social do informador, do papel que ele desempenha na situação de troca, de sua representatividade para com o grupo do qual é o porta voz, quanto ao grau de engajamento que manifesta com relação à informação transmitida.

Através do exame da obra, observou-se que Squealer/Garganta utiliza-se de variadas estratégias discursivas (como por exemplo: entonação vocal, expressões corporais, referência a registros, repetição

de termos, *flashback*, entre outras) para transmitir *informações* advindas dos líderes da fazenda e, principalmente, persuadir para a aceitação de certas “verdades” ou fatos, sem deixar margens para argumentação. Ainda, se alguns tímidos questionamentos emergem nas vozes dos animais, ele sempre acabará alcançando seus propósitos através da força elocutória que se projeta nos discursos que profere. Isso explica o grau de engajamento que manifesta em relação ao líder Napoleão e com a informação transmitida.

Importante pontuar o que nos revela Charaudeau (2009:39), sobre o ato de informar:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolhas de conteúdos a transmitir, não somente escolhas das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.

No capítulo II da obra *Animal Farm* (1996:16), temos a apresentação da personagem, assinando algumas de suas características anteriormente pontuadas:

The Best know among them was a small fat pig named Squealer, with very round checks, twinkling eyes, nimble movements and a shrill voice. He was a brilliant talker, and when he was arguing some difficult point he had a way of skipping from side to side and whisking his tail which was somehow very persuasive. The others said of Squealer that he could turn black into white.

Gostaríamos apenas de assinalar aqui, a expressão “...*he could turn black into white*”, que Ferreira transpôs como “...*Garganta era capaz de convencer de que preto era branco*”. Notamos na passagem descrita que na tradução do termo *turn into*, o qual o dicionário Oxford (2000:1. 398) nos apresenta como: *transformar, tornar-se*, o tradutor optou pelo verbo: *convencer*. Assim, *convencer de que preto era branco* infere sentido persuasivo, conduzindo a idéia de manipulação muito mais acentuada. Dessa maneira, a habilidade da personagem para

manipular e persuadir por meio de estratégias discursivas torna a fala da personagem um importante objeto de análise.

Apresentamos a seguir, alguns fragmentos de discursos especificamente os realizados pelo personagem Squealer, traduzido como Garganta, extraídos da edição em língua inglesa de 1996 publicada pela editora Signet Classics – e da edição em língua portuguesa de 2007 publicada pela editora Companhia das Letras. Após segue as análises dos excertos na língua original e na língua alvo.

3.3 - Fragmentos de discursos proferidos por Squealer/Garganta

Os discursos da personagem Garganta (Squealer) giram em torno de justificativas de situações, de decisões, de fatos e de acontecimentos que ocorrem na fazenda, geralmente envolvendo o líder Napoleão, de quem Squealer é o porta voz, integrando a equipe dos ditos “dominadores”: “(...) o representante constitui o grupo que o constituiu”, de acordo com Bourdieu (1996:82).

Destacamos a seguir fatos apresentados ao longo da obra, nos quais Garganta interfere com seus discursos para justificar e convencer os interlocutores. Apresentamos as passagens como foram descritas na obra publicada em língua inglesa (1996) e a proposta de Heitor Aquino Ferreira (2007) em português.

(Fato “A”) - O capítulo III apresenta o discurso da personagem Squealer justificando o fato dos líderes dos porcos, mais especificamente Napoleão e Bola de Neve, tomarem para eles todo o leite e a colheita das maçãs:

Comrades!” he cried.”You do not imagine, I hope, that we pigs are doing this in a spirit of selfishness and privilege? Many of us actually dislike milk and apples. I dislike them myself. Our sole object in taking these things is to preserve our health. Milk and apples (this has been proved by Science, comrades) contain substances absolutely necessary to the well-being of a pig. We pigs are brainworkers. The whole management and organization of this farm depend on us. Day and night we

Camaradas!”, conclamou. “Não imaginais, suponho, que nós os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós até nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contém substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós, porcos, somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção desta granja dependem de nós. Dia e

are watching over your welfare. It is for *your* sake that we drink that milk and eat those apples. Do you know what would happen if we pigs failed in our duty? Jones would come back! Yes, Jones would come back! Surely, comrades,” cried Squealer almost pleadingly, skipping from side to side and whisking his tail, “surely there is no one among you who wants to see Jones come back? (p.35).

noite velamos pelo vosso bem-estar. É por *vossa* causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão? Jones voltaria! Sim, Jones voltaria! Com toda certeza, camaradas”, gritou garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho, “com toda certeza, não há entre vós quem queira Jones de volta. (p. 33).

(Fato “B”) - O capítulo IV expõe a explicação da personagem Squealer sobre a decisão do porco Napoleão em expulsar Bola de Neve, um dos porcos líderes da fazenda, após a revolução:

Comrades,” he Said, “I trust that every animal here appreciates the sacrifice that Comrade Napoleon has made in taking this extra labour upon himself. Do not imagine, comrades, that leadership is pleasure! On the contrary, it is a deep and heavy responsibility. No one believes more firmly than Comrade Napoleon that all animals are equal. He would be only too happy to let you make your decisions for yourselves. But sometimes you might make the wrong decisions, comrades, and then where should we be? Suppose you had decided to follow Snowball, with his moonshine of windmills – Snowball, who, as we know now, was no better than a criminal?”

“He fought bravely at the Battle of the Cowshed”, said somebody.

Bravery is not enough”, said Squealer. “Loyalty and obedience are more important. And as to the Battle of the Cowshed, I believe the time will come when we shall find that Snowball’s part in it was exaggerated. Discipline,

Camaradas”, ele disse, “tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho. Não penseis, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Ninguém mais que o Camarada Napoleão crê firmemente que todos os bichos são iguais. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas as vezes poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; e então, onde iríamos parar? Suponhamos que tivésseis decidido seguir Bola-de-Neve, com suas miragens de moinho de vento – logo Bola-de-Neve, que, como hoje sabemos, não passava de um criminoso?”.

“Ele foi valente na Batalha do Estábulo”, disse alguém.

“Valentia não basta”, respondeu Garganta. “A lealdade e a obediência são mais importantes. E quanto à batalha do Estábulo, acredito tempo virá em que verificaremos que o papel de Bola-de-Neve foi muito exagerado.

comrades, iron discipline! That is the watchword for today. One false step, and our enemies would be upon us. Surely, comrades, you do not want Jones back?"(p. 55).

Disciplina, camaradas, disciplina férrea! Esse é o lema para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?. (p. 48)

(Fato "C") - No capítulo VI, a decisão do líder Napoleão de estabelecer relações de comércio com humanos. Diante da inquietude dos animais quanto à resolução de Napoleão, Squealer aparece para "tranquilizá-los":

Are you certain that this is not something that you have dreamed, comrades? Have you any record of such a resolution? Is it written down anywhere?(p. 64)

Vocês estão certos de que não sonharam? Existe algum registro dessa resolução? Está escrito em algum lugar? (p. 56)

(Fato "D") - Ainda no capítulo VI, tem-se o discurso da personagem Squealer sobre a questão de os porcos dormirem em camas:

You have heard, then, comrades", he Said, "that we pigs now sleep in the beds of the farmhouse? And why not? You did not suppose, surely, that there was ever a ruling against *beds*? A bed merely means a place to sleep in. A pile of straw in a stall is a bed, properly regarded. The rule was against *sheets*, which are a human invention. We have removed the sheets from the farmhouse beds, and sleep between blankets. And very comfortable beds they are too! But not more comfortable than we need, I can tell you, comrades, with all the brainwork we have to do nowadays. You would not rob us of our repose, would you, comrades? You would not have us too tired to carry out our duties? Surely none of you wishes to see Jones back?". (p. 67)

Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra *camas*, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os *lençóis*, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que necessitamos, posso afirmar, camaradas, com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Não desejariam nos ver tá cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não é verdade? Será que alguém quer Jones de volta?. (p. 58).

3.3.1 - Análise do fragmento (A)

Na passagem destacada do capítulo III, constata-se como os animais estavam sendo envolvidos e inseridos na trama ideológica traçada pelos dominadores e veiculada no discurso do representante, que semeia sentimento de proveito comum e de segurança.

Para fundamentar seu discurso e para a eficácia da sua mensagem, observamos que a personagem utiliza-se de recursos que podem ser nomeados como estratégias discursivas e/ou efeitos de sentidos, que englobam desde as escolhas linguísticas, as estruturas frasais, os tempos verbais, as gestuais, os estilos expressivos, as entonações vocais e ainda a da sua representatividade na sociedade que se encontra inserido.

Citamos as locuções interrogativas: “*Do you know what would happen if we pigs failed in our duty?*” e imperativas: “*Jones would come back! Yes, Jones would come back!*”. Essa forma de estruturar o discurso, utilizando efeitos contratemporais como os flashbacks, de acordo com Thompson (1998:373) reflete a intenção ideológica do narrador. A experiência humana é histórica. Parece que constantemente nos valem de resíduos do passado para compreender a situação presente, mas nem sempre os resíduos trazem clarificação do que estamos vivenciando no momento. Em circunstâncias específicas, nos diz Thompson (1998:360) “podem também servir para esconder, obscurecer ou mascarar o presente”.

Portanto, a ideologia se faz notar nesta passagem com Squealer reportando-se a situações passadas. O narrador de *Animal Farm* descreve que como os animais não queriam que o antigo dono retornasse à fazenda, silenciaram: “*Now if there was one thing that the animals were completely certain of, it was that they did not want Jones back. When it was put to them in the light, they had no more to say*”. (p. 36).

De acordo com Orlandi o silêncio pode ser considerado tanto como a parte da retórica da dominação, da opressão como sua contrapartida, isto é, a retórica do oprimido (a da resistência):

Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras. (Orlandi,1997:11)

Neste mesmo fragmento, pode-se observar como ardilosamente Squealer, justifica o fato de o leite e das maçãs ficarem apenas com eles, os líderes, os *brainworkers* - os “trabalhadores intelectuais”, como bem traduziu Ferreira -, manipulando e convencendo os animais com justificativas baseadas na “ciência”, uma estratégia discursiva que de acordo com Charaudeau (2009:54) “documentos e objetos que são exibidos ou referidos funcionam como provas concretas”: “*Milk and apples (this has been proved by Science, comrades) contain substances absolutely necessary to the well-being of a pig*”.

Pesquisando sobre a nutrição dos suínos, encontramos informações na cartilha do Sebrae¹⁵ que descreve a dieta dos suínos tendo como base 70% de milho, que contém 8% de proteínas e o restante de energéticos (carboidratos) como: soja, mandioca, cuim, açúcar, farelo de trigo e minerais. Ainda sobre a alimentação destes animais, a Embrapa¹⁶ – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – sugere um adequado planejamento para compor dietas balanceadas visando atender as exigências nutricionais específicas que, entre outros ingredientes, deve conter: água potável e alimentos energéticos, tal como: açúcar, gordura de aves e bovina, quirera de arroz, cevada em grão, milho, trigo integral, farelos e soja. Em ambas as referências e outras fontes pesquisadas, não trazem informações de alimentos como maçãs e leite sendo essenciais para “*the well-being of a pig*”.

Dessa maneira, podemos identificar a ideologia implícita no excerto. Squealer/Garganta usa o recurso de registros científicos como embasamento para o convencimento. Os animais, os receptores do discurso, não se pronunciam a este respeito, não contradizem esta evidência, talvez por desconhecimento ou por aceitarem os argumentos do emissor, razão que pode advir do fato de ser ele, assim como os líderes, um porco com credenciais respaldadas pela sociedade que estava se formando, como nos revela Bourdieu (1996:87): “o uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira, como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor”.

Neste fragmento ainda nota-se o uso repetitivo do pronome da primeira pessoa do singular “I” e do pronome da primeira pessoa do plural “we” (respectivamente “eu” e “nós” na língua portuguesa). Koch (1992: 15) postula que:

¹⁵ Fonte: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/6BD7B3664FCEB42F0325712A0067F815/\\$File/NT000AEE8E.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/6BD7B3664FCEB42F0325712A0067F815/$File/NT000AEE8E.pdf)

¹⁶ Fonte: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Suinos/SPSuinos/nutricao.html>

No discurso o indivíduo se “apropria” da língua, instaurando-se como “eu” e, concomitantemente, instaurando o outro como “tu”: é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira.

Neste sentido, o uso dos pronomes referidos marca uma linha que estabelece além da divisão de classe como se observa na passagem: *“The whole management and organization of this farm depend on us”*; e o poder que se pretende estabelecer e sustentar: *“Do you know what would happen if we pigs failed in our duty?”*. Ainda os pronomes marcam a “obrigatoriedade” da classe subordinada em aceitar os fatos, pois a resistência geraria falência do governo, uma vez que: *“Day and night we are watching over your welfare”*.

3.3.2 - Análise do fragmento (B)

O capítulo V, página 45, trata da expulsão de Bola-de-Neve por Napoleão, vindo este último a se tornar o líder supremo da fazenda. Perante o assombro dos animais, eis que novamente Squealer/Garganta surge com sua destreza discursiva para “esclarecer” o fato.

No discurso proferido pela personagem, podemos perceber que Squealer, de forma extremamente sutil e ardilosa, leva os animais a aceitarem a idéia de que são “incapazes” para tomar decisões próprias, necessitando, pois, de um “líder”: *“But sometimes you might make the wrong decisions, comrades, and then, where should we be?”*. Nesta passagem, observa-se que Squealer/Garganta sublinha a importância do líder, insistindo que somente ele tem capacidade de decidir sobre aquilo que seria melhor para todos. É importante refletir, com base em Eagleton (1997:11), que do ponto de vista ideológico ninguém seria incapaz por completo, as pessoas precisariam aprender a sê-lo: *“É preciso ensinar-lhes ativamente essa definição, e alguns deles revelam-se bacharéis nesse processo”*. Delineiam-se assim, alguns dos suportes ideológicos para a legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante, tal como ocorre na presente fábula. Os traços ideológicos indicam para a incapacidade de um grupo em determinar direcionamentos, necessitando de um líder que os guie. Retomando aqui as palavras de Squealer/Garganta: *“where should we be?”*.

Ainda em relação a este mesmo excerto, quando “alguém” entre os animais faz alusão ao episódio em que Bola-de-Neve combate

bravamente na Batalha do Estábulo, Squealer/Garganta responde: *“Bravery is not enough, (...). Loyalty and obedience are more important. (...). Discipline, comrades, iron discipline!”*. Os elementos linguísticos, que podemos chamar de temas ou slogans: *loyalty: lealdade; obedience: obediência; discipline: disciplina* são exemplos de elocuições por meio das quais a ideologia encontra fios emergentes em *Animal Farm*. Squealer se valendo de slogans ao invés de explicações, apaga quaisquer dúvidas ou questionamentos que os animais supostamente poderiam articular e como resultado, consegue os manter sob controle.

Segundo Quintás (2009) determinadas palavras adquirem um prestígio especial em cada época da história, são as chamadas palavras “talismã”. O manipulador dos termos talismã, segundo ele, sabe que ao introduzi-los em um discurso, provoca intimidação, conduzindo á aceitação do que se poderia chamar de “imposições”. Corroborando com este autor, Fiorin (2007:25) sugere ainda que tais traços semânticos “ (...) refletem uma visão de mundo, de valores e de crenças numa dada formação social”.

Sendo um dos princípios norteadores da posse da fazenda a formação de uma sociedade igualitária, os animais “deveriam” trabalhar para a concretização dos ideais revolucionários. Dessa maneira, várias elocuições se fazem acompanhar pela recorrente interrogação: *“Surely, comrades, you do not want Jones back?”*, conseguindo persuadir e até calar os animais, referendando a aceitação do argumento, sem contraposições.

A responsabilidade do bom andamento e de resultados positivos de uma determinada instituição, quando delegada à classe trabalhadora, tira atenção da responsabilidade de quem está no comando. Com o argumento de que depende da *“obedience”* e *“discipline”* para a concretização dos ideais revolucionários, os comandantes “expiam” a culpa se algo der errado: *“One false step, and our enemies would be upon us”*. Esse argumento é ilustrado por Foucault (1996:14) quando nos revela que:

(...) ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo – pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual

sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino.

Ainda sobre o fato (B), sublinhamos que como a revolução ocasionou a expulsão do dono da fazenda, um humano de nome Jones, Squealer/Garganta constantemente remete a volta do ex-dono para, ainda mais, persuadir os dominados quanto à aceitação do fato: “*Jones would come back! Yes, Jones would come back!*”. Eagleton (1997:34) nos diz que “uma pessoa pode ter uma compreensão apropriada dos mecanismos de exploração, mas concluir que mesmo injusto e opressivo, é preferível, de modo geral a qualquer alternativa provável”. Esse assujeitamento a situações que mesmo tendo a consciência de que não são as desejadas, as ideais, causa o “apagamento”, e este, de acordo com Pulcinelli (1997:80) “desempenha um papel fundamental no processo de constituição do sujeito”.

Para finalizar a análise deste fragmento gostaríamos de chamar atenção para a estrutura argumentativa do mesmo. Squealer/Garganta, que podemos classificar como emissor, combina fatos do tempo passado, presente e futuro para dar força argumentativa no seu discurso e projeta com isso, uma representação imaginária do receptor para a partir dela, estabelecer suas estratégias discursivas. Para exemplificarmos, com ajuda de adornos retóricos, como pode ser observado nas escolhas linguísticas: “*sacrifice*”, “*leadership*”, “*pleasure*”, “*deep and heavy*”, entre outras, consegue convencer seus ouvintes que na voz do narrador: “*Once again this argument was unanswerable*” (p. 56).

3.3.3 - Análise do fragmento (C)

No fato (C) percebe-se o tom sarcástico de Squealer/Garganta ao mencionar que os animais pensavam se lembrar de determinado acontecimento, mas sem grau de certeza: “*Are you certain that this is not something that you have dreamed, comrades? [...]*”. Observa-se que, gradualmente, os animais esquecem (ou pensam ter esquecido) o que lhes fora prometido, não percebem as progressivas modificações nos ideais colocados anteriormente como base para a revolução. Fica evidente, portanto, que a força ideológica da classe dominante altera a realidade anteriormente instalada. “A visão de mundo veiculada através

da linguagem”, de acordo com Fiorin (2007:53), oferece o embasamento lógico e aceitável para as situações de exploração e repressão dos dominados. A aceitação da situação, sem contra-argumentos, de acordo com Eagleton (1997:39), pode ter outras razões:

“O fato de as pessoas não combaterem ativamente um regime político que as oprime talvez não signifique que tenham absorvido mansamente seus valores governantes. Pode ser que após um árduo dia de trabalho, estejam exaustas demais e não tenham energia de sobra para envolver-se em atividades políticas”.

“Tudo é visto claramente quando se reflete” afirma Quintás (2009). Mas aquele que vislumbra a conquista pelo poder, age com extrema rapidez para não oferecer chances á reflexão sobre o tema, não permitindo intervenções e questionamentos, o que pode suscitar em acordos, em aceitação de fatos sem conhecimento de causa/efeito: “É uma árvore sem raízes que qualquer vento leva” (Quintás, 2009).

Neste excerto também se percebe a força ilocucionária que se apresenta no enunciado e que representa um estado de coisas que, independentemente de ser verdadeiro ou falso, tem seu crédito outorgado pelo agente do discurso, o porta voz autorizado. Nas palavras de Bourdieu (1996:111): “A eficácia do discurso (...) é proporcional à autoridade daquele que o anuncia”, como comprovamos na conclusão dos animais, anunciada através da voz do narrador: “(...) *the animals were satisfied that they had been mistaken*”. (p.64).

Refletindo sobre o questionamento formulado por Squealer: “*Are you certain [...]*? remetemo-nos a Fiorin (2007:76), quando afirma que: “[...] a determinação ideológica revela-se no componente semântico do discurso”. Ao selecionar a palavra *certain*, o porta voz lança uma dúvida aos seus ouvintes sobre o fato de estarem, ou não, convencidos da proibição da granja dos bichos em estabelecer comércio com humanos. O narrador de *Animal Farm* constantemente lembra que os animais tinham apenas vaga lembrança do acontecimentos, ou julgavam lembrar como comprovado no exemplo: “*They thought that they remembered it*” (p. 63), dessa maneira Squealer, com toda sua ardileza, lança mão do recurso discursivo de retorno à história para formular o argumento e convencer, “o itinerário pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta na história” (Fiorin, 2007:77).

Importante elucidar as palavras de Squealer nesta passagem destacada: “(...) *that is not something that you have dreamed, comrades?*”. A linguagem, em tom sarcástico que o enunciador utiliza na interrogativa ilustra a artimanha argumentativa, também a função ideacional ideológica quando o enunciador desafia seus ouvintes com base no fundamento da dúvida sobre o fato que estavam cogitando. Tal estratégia constitui, efetivamente, uma maneira de “preparar o terreno” para a alocação seguinte, como acontece geralmente quando não se tem certeza ou comprovação, a aceitação e o silêncio se tornam inevitáveis.

3.3.4 - Análise do fragmento (D)

Algumas estratégias discursivas e a manipulação da linguagem para sustentar o poder se manifestam explicitamente no excerto (D), Capítulo VI, no qual a personagem justifica o fato de os porcos dormirem em camas. Fato este, proibido no Quarto Mandamento das sete leis que regiam a Granja dos Bichos – descritos na obra na página 24, a saber:

4. “*No animal shall sleep in a bed*”.

A frase acima nos remete as informações encontradas nas pesquisas bibliográficas sobre o “porco”, que na mitologia encontramos como: “deus do mal, da traição, da guerra”. Na visão sacra relatada no Levítico capítulo 11: “[...] não comam a carne desses animais, nem toquem o cadáver deles, porque são impuros”. Ainda, o porco “simboliza aqueles que só tem olhos para o que é terreno, só para o que é vil”. Eles “possuem o espírito dos demônios” como relatado em Lucas 8;27,33.

Squealer/Garganta, personagem “porco” na obra *Animal Farm*, ardidamente, de maneira “impura”, distorce significados e valores, transformando-os em favores e benefícios para classe dominante, como podemos perceber no excerto abaixo:

“A bed merely means a place to sleep in. A pile of straw in a stall is a bed, properly regarded. The role was against sheets, which are a human invention. We have removed the sheets from the farmhouse beds, and sleep between blankets” (*Animal Farm*, 1996:67).

Do ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa preconizada por Eni Orlandi, o texto deve ser investigado como unidade significativa, mas que toma em consideração componentes da esfera situacional e, também, da micro a macro estrutura, ou seja “as diferenças de construções tem sempre uma razão que não é a simples diferença de informação, mas sim de efeitos de sentidos”, de acordo com Orlandi (1987:116).

Na construção da frase “*A bed is a merely place to sleep in*”, permite perceber a função da ideologia na relação de uma elocução com seu contexto social, e nas palavras de Eagleton (1997:36): “mediante a distorção e a dissimulação”. A locução também pode ser interpretada como uma remontagem, pois se o Quarto Mandamento postula: “*No animal shall sleep in a bed*” (p.24), a explicação para os porcos, especificamente os líderes da revolução, dormirem em camas tem como recurso argumentativo uma reinterpretação/reconstrução do fato e, como nos diz Charaudeau (2009:56), “(...) o ideal de uma boa explicação consiste em poder remontar a origem dos fatos”.

As elocuições interrogativas presentes no excerto (D), como por exemplo: “*And why not?*”; “*You did not suppose, surely, that was ever a ruling against beds?*”; “*You would not rob us of our repose, would you?*”, possibilitaram identificar o que postula Orlandi:

O discurso que cria a noção de erro e, portanto, o sentimento de culpa. A estratégia, a posição final, parece com o esmagamento do outro. A estratégia básica das questões adquire a forma imperativa, isto é, as questões são questões *obrigativas* – parentes das perguntas retóricas: questões diretas q se dá o nome de “questões objetivas. (Orlandi, 1987:17).

Nestas elocuições interrogativas, chama atenção a construção: “*And why not?*”, que possibilita identificá-la a um recurso argumentativo que introduz justificativa ao conteúdo da asserção, remetendo à conclusão do locutor. Squaler a utiliza para justificar o fato dos porcos dormirem em camas e: “*por que não?*”.

Ainda em referência ao fato (D) é relevante salientar o uso que a personagem faz de determinados signos linguísticos, reproduzidos abaixo, *repetindo-os constantemente* como instrumento para articulação e disseminação das idéias da classe dominante. Trata-se de usos que atuam como espécie rede de elementos normativos, persuasivos,

“encadeamentos automatizados que remetem a conclusões exclusivas e dirigidas”. (Orlandi, 1987:19):

- surely
- merely
- properly regarded
- would not

Do mesmo modo que Orlandi, Quintás (2009) afirma que uma forma de vencer o povo é a de *repetir*, uma vez ou outra, idéias ou imagens carregadas de intenção ideológica. Lançam-se chavões, fazem-se afirmações contundentes, propagam-se slogans na forma de sentenças carregadas de sabedoria. Esse bombardeio modela a opinião pública, e as pessoas acabam tomando o que se afirma como o que todos pensam, como o que todos falam. O normal.

Neste mesmo fragmento, a expiação da culpa,¹⁷ caso algo dê errado na sociedade que estava se constituindo, para o grupo dos dominados, se faz notar na passagem: “[...] *You would not have us too tired to carry our duties?* [...]”. Cria-se a ilusão que eles não colaboram para a concretização da nova sociedade e sendo, portanto, prováveis “culpados” do fracasso da revolução. Outro ponto que pode ser salientado, no exemplo selecionado, se refere à ideologia que se faz “natural”, isto é, os que estão no controle protegem, amparam, e ajudam a classe trabalhadora mascarando, com isso, o sentido da exploração e da dominação a que os animais vinham sendo assujeitados. O enunciador silencia os sentidos proibidos, ou os que não combinam com a classe dominante como: exploração e dominação, produzindo deslizamento de sentido para: proteção e amparo.

Neste fragmento “D” também se percebe a repetição do pronome da segunda pessoa do singular “you”. Como já citamos na análise e de acordo com Koch (1992:15), o uso de pronomes pessoais “tem a intenção de instaurar um “eu” e o outro como “tu”: é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira”. Squealer migra para uma posição de poder enquanto o outro, “you” fica reduzido ao silêncio porque “precisa” colaborar com seus protetores ou a falência da causa será “culpa” deles. Mais uma vez Squealer consegue seus propósitos: “*The animals reassured him on this point immediately and no more was said about (...)*” (p.68).

¹⁷ O termo expiação está citado no capítulo 3 desta dissertação.

3.4 - Análise da Tradução

Não será objeto da análise apontamentos de forma particularmente crítica em relação ao trabalho realizado por Heitor Aquino Ferreira, mas por um ângulo reflexivo e analítico, uma interpretação/reinterpretação direcionada às escolhas linguísticas realizadas pelo tradutor. Pois, acordamos com Ribeiro (2005) quando afirma que o “conceito de tradução aponta para a forma como não apenas línguas diferentes, mas culturas diferentes e diferentes contextos e práticas políticas e sociais podem se postos em contato de forma a que se tornem mutuamente inteligíveis”. Ainda, de acordo com Weininger (2005): “Sempre há muitas maneiras de traduzir um mesmo texto. Nunca há uma só tradução, “certa”, “correta”, muito menos “ideal”.

Inicialmente, citamos o que nos revela Steiner (2005:294), em relação à análise de traduções:

Temos diante de nós um texto original e uma ou mais traduções aceitas. Nossa análise e julgamento são externos, ocorrem depois do fato. Sabemos efetivamente muito pouco do processo genético que ocorreu na prática do tradutor, dos princípios prescritivos ou puramente empíricos, dos recursos e rotinas que interferiram em sua escolha deste e não daquele equivalente, de um nível de preferência estilística a outro, da palavra ‘x’ em vez de ‘y’.

Apresentamos a seguir, a interpretação da tradução para a língua alvo, com base nos respaldos teóricos acolhidos neste estudo.

Enfocando no objetivo dessa dissertação, vamos nos ater na análise da do lexema “*comrade(s)*” que foi transposto como “*camarada(s)*”. Para tanto, parte-se de um estudo contextualizado sobre a etimologia dos termos citados, como respaldo para a compreensão da escolha dos signos, realizada por George Orwell e por Heitor Aquino Ferreira. Bakhtin (1979), citado por Sampaio (2008), nos revela que:

A cada palavra de enunciação que estamos em processo de compreender, fizemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.

Sampaio (2008) aponta que o léxico “camarada”, termo derivado do francês “*camarade*”, “começou a ser utilizado no sentido político sob o impacto da revolução francesa em 1789 e passa a ter uma conotação ideológica” que circunscreve os termos: militanismo, companheirismo, partidarismo. De acordo com a professora, a palavra aparece num momento revolucionário, popular, de pessoas que partilhavam um ideário político, com um traço de identidade: se você partilha das mesmas idéias políticas, então você é um “camarada”.

Como a obra *Animal Farm* foi publicada em 1945, compreendendo período marcado por guerras, pela Revolução Russa, pela Guerra Fria, como contextualizado no capítulo II desta pesquisa, se faz relevante observar que a Revolução Russa, no começo do século XX, retoma a palavra “camarada”, como nos revela Sampaio (2008), e o termo vai identificar todos os revolucionários: bolchevistas, e utilizada como tratamento formal. Ela ainda nos revela que a palavra acabou sendo usada em outros países, em outras culturas.

Etimologicamente, “camarada”, segundo o dicionário A. Houaiss, denomina:

1. Companheiro de quarto;
2. Pessoa que convive bem com a outra pessoa;
3. Colega;
4. Amigo;
5. Tratamento entre soldados.

Sampaio (2008) relaciona o léxico camarada e companheiro. Enquanto camarada aponta sempre para o trabalho comum, partilhado, companheiro tem como campo semântico o de compartilhar, grupo de pessoas que seguem e ainda, aquele que acompanha. Esta comparação se faz relevante para analisarmos o termo *camarada* escolhido na tradução de Ferreira.

Procurando compreender a escolha linguística do tradutor, surge o questionamento, se não seria mais apropriado o léxico *companheiro* no lugar de *camarada*, tendo como base, que é o termo mais usualmente utilizado na política brasileira e, adotado pelos partidários do partido dos trabalhadores.

O lexema companheiro é percebido em muitos dos discursos de Lula, “o mais importante socialista nestes último 20 anos, que veio da classe operária e que representou uma resistência política nestes últimos 20 anos”, de acordo com Sampaio (2008). O termo quando utilizado por Lula subjaz um sentido de aquele que luta como militante pelas causas

populares. O discurso de posse proferido em 2 de janeiro de 2003 exemplifica o uso:

Nós temos uma história construída junto de vocês (...). Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e as liberdades.

Por outro lado, se analisarmos o contexto histórico da data da publicação de *Animal Farm*, podemos inferir que a decisão do tradutor pelo léxico camarada está relacionada ao contexto da criação da obra, pois elementos semânticos usados nos discursos de uma dada época constituem a maneira de ver o mundo numa dada formação social, como aponta Sampaio (2008):

A situação se integra ao enunciado como parte constitutiva essencial de sua significação e, para se chegar ao sentido, não basta levar em conta apenas a forma linguística, mas também o contexto em que o discurso foi produzido.

Na prática, portanto, é tudo uma questão de escolha. O que é preciso levar em consideração é que uma escolha em detrimento de outras possíveis pode servir para nos posicionarmos e, assim, posicionarmos os outros, ou vice versa.

Uma outra observação que se faz relevante para a análise da tradução refere-se às escolhas de determinados termos lexicais que refletem o estilo e a cultura histórico-social do tradutor. Ferreira, que nasceu no estado do Rio Grande do Sul, utiliza-se constantemente de pronomes e verbos conjugados na segunda pessoa do singular e do plural: *imaginais, sabeis, vós, vosso, vossa*. Na língua inglesa temos o pronome “you” que é utilizado para a segunda pessoa do singular e do plural e transposto para a língua portuguesa como significante de “você”, “vocês” e consequentemente levam a conjugação: *imagina (m), sabe (m), seu (s), sua (s)*. Reconhecemos, portanto, a influência da cultura do tradutor nas escolhas lexicais e como nos revelam Tavares e Lopes (2005:86): “Como co-autor, o tradutor também tem um estilo pessoal e uma série de preferências no que diz respeito à tradução, para não mencionar a sua postura ideológica e as suas convicções e valores”.

As considerações teóricas acima, também ilustram a tradução da sentença “*Day and night we are watching over your welfare*” (p. 36) relativa ao fato (A) como: “*Dia e noite velamos pelo vosso bem estar*” (p.33). O termo lexical *watching over*, que em dicionários bilíngues aparece como: vigiar; tomar conta de alguém foi transposto como *velamos*. O signo *velar* pode ser classificado como verbo e como adjetivo, que denominadamente designa em dicionários da língua portuguesa, entre outras coisas, o ato de passar a noite em claro ou boa parte dela acordado; e ainda, proteger; interessar-se grandemente, com zelo vigilante.

A opção por determinado termo, como afirmam Tavares e Lopes (2005:87), privilegia determinado campo semântico e características temáticas que interagem com os aspectos expressivos do texto. Portanto, refletindo sobre a escolha do tradutor, é possível notar que esta escolha satisfaz o critério de manutenção do efeito ideológico produzido no texto original. Se compararmos as palavras *vigiar* e *velar* nos exemplos: “*Nós sempre vigiamos vocês*” com “*Nós sempre velamos por vocês*”, percebe-se a força ideológica da expressão, o que comprova a escolha lexical aparentemente pertinente do tradutor na passagem citada, pois, como nos revela Koch (1984:29):

Não basta conhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua; é preciso reconhecer as possibilidades semânticas que podem variar de acordo com a empregabilidade do termo ou da sentença.

As observações de: Jakobson (1971:69) sobre o fato de que “as línguas diferirem essencialmente naquilo que devem expressar”, e de Holmes (apud Figueredo 2005:101) para quem “a produção tradutiva de um texto deve levar em conta a sua função específica, a cultura receptora (...)”, nos parecem apropriadas para ilustrar a tradução proposta por Ferreira (2007:48) relativamente à frase do fato (B), página 48, ou seja: “(...) *taking this extra labour upon himself.*”, para: “*ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho*”. Pode-se inferir que o tradutor teria optado por uma expressão da cultura da língua alvo para compor a noção de “carga” de *responsabilidade*, revelando também a posição relativamente ao que se diz e a quem. Dessa maneira, podemos deduzir que a recriação enfatizou a “idéia”, ou seja, o “sentido” da frase. Para fazê-lo apoiou-se em recursos lingüísticos, imbricados com noções sócio-culturais, tal como defende Steiner:

Pelo fato de todo dizer humano consistir de signos arbitrariamente selecionados e intensamente convencionalizados, o significado não pode nunca ser totalmente separado da forma de expressão. Mesmo os termos mais puramente ostensivos e aparentemente neutros estão incrustados em peculiaridades linguísticas, num intricado molde de costumes socioculturais. Steiner (2005:263)

Ainda em relação à tradução do excerto B, acima considerado, destacamos as seguintes passagens:

(...), *and there where should we be?* (...); *e então, onde iríamos parar?*
 (...), *was no better than a criminal?* (...), *não passava de um criminoso?*
 (...), *you do not want Jones Back?* (...), *não quereis Jones de volta, hein?*

No seio da dicotomia “letra” e “espírito”, “palavra” e “sentido” como assinala Steiner (2005:283), observa-se que as escolhas linguísticas do tradutor na tradução das frases citadas acima, novamente focalizam o sentido, permitindo perceber as idéias que estão incorporadas às palavras, remetendo àquilo que afirma Fiorin (2007:35):

O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala (...), e enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza os elementos de expressão para veicular seu discurso.

Com relação ao termo “*appreciate*”¹⁸ que pode ser traduzido por valorizar; dar valor; entender a importância de algo, agradecer; ser grato por, Ferreira optou por “*compreender*”: “(...), *tenho certeza de que cada animal compreende*¹⁹ *o sacrifício que o Camarada Napoleão faz (...)*”. O equivalente para *appreciate* mais próximo da língua inglesa poderia ser *agradecer ou valorizar* e, reescrevendo o exemplo citado,

¹⁸ Para mais informações sobre o termo *appreciate* ver: <http://thesaurus.com/browse/appreciate>

¹⁹ Grifo nosso

usando um equivalente mais usual, teríamos: “(...), *tenho certeza de que cada animal valoriza o sacrifício que o Camarada Napoleão faz (...)*.”

Comparando a tradução de Ferreira e a possível alternativa, percebe-se que o termo *compreender* abriga uma força ideológica mais marcante que *valorizar*. Por certo, quando somos questionados em público, por exemplo, se compreendemos determinados fatos, geralmente concordamos, por constrangimento diante do emissor (que sendo emissor já se envolve de certo poder de persuasão). Como percebemos na voz do narrador que em relação aos fatos que se sucediam na granja dos bichos, os animais “*teriam protestado, se conseguissem achar os argumentos.*” (p.48), a escolha de “compreender” se emoldura no contexto da obra e ainda, o significante “recria o mesmo significado” como observa Steiner (2005:282).

Citamos, no seguimento, exemplos de seleções lexicais do tradutor relativas ao discurso do fato (B):

- | | |
|-------------------------|--------------------------------|
| - <i>I trust</i> | - <i>Tenho certeza</i> |
| - <i>Do not imagine</i> | - <i>Não penseis</i> |
| - <i>for today</i> | - <i>pelos dias que correm</i> |

Pode-se constatar que o tradutor teve a preocupação de preservar o tom argumentativo e ideológico da obra original e conseguiu com isso, equilíbrio entre as versões, “um equilíbrio quase utópico, mas que o tradutor deve manter como possível horizonte, pois para traduzirmos a “letra” por vezes temos que sacrificar o “sentido” e vice versa”. (Tavares e Lopes, 2005:85).

No fato (C), capítulo V, página 56, Squealer/Garganta utiliza-se de elocuições interrogativas de modo a convencer os animais de que a negociação com humanos não consistia de um fato proibido na nova sociedade em construção, e “que tal resolução contra o engajamento no comércio e o uso de dinheiro jamais fora aprovada, aliás nem sequer apresentada” (grifo nosso). Os argumentos são formulados circunscritos em evidências que comprovam o fato, como por exemplo, documentos e/ou registros escritos.

- | | |
|--|---|
| - Are you certain that this is not something that you have dreamed, comrades? Have you any record of such a resolution? Is it written down anywhere? (p. 64) | - Vocês estão certos de que não sonharam? Existe algum registro dessa resolução? Está escrito em algum lugar? (p. 56) |
|--|---|

Percebe-se na passagem que a tradução de Ferreira consegue manter o tom irônico²⁰ dos questionamentos sentido no discurso apresentado na versão em língua inglesa.

A relação do tradutor com o autor deveria ser a do pintor de retratos com seu modelo. Uma boa tradução é uma vestimenta nova que nos torna familiar à forma inerente sem de maneira alguma atrapalhar seu movimento expressivo integral. Steiner (2005:288).

O palavra *aliás*, que grifamos no parágrafo citado da tradução de Ferreira, pode ser interpretado como um operador por meio do qual “se introduz um argumento decisivo, com o qual se dá o golpe final, resumindo ou coroadando todos os demais argumentos” de acordo com Koch (1992:33). Comparando a obra original com a tradução, a escolha linguística apresentada na língua alvo revela a forma sutil do uso da linguagem para manipulação das informações, construindo uma versão dos fatos de tal maneira que não fosse possível contradizê-los ou negá-los:

- (...) the resolution (...) had never been passed, or even suggested. (p. 64).

- (...) tal resolução (...) jamais foi aprovada, alias nem sequer apresentada. (p. 56)

Orlandi (1997:52) assinala que “nada na linguagem é indiferente ao sentido: as palavras, a construção, a ordem, o tom, o estilo”. Por extensão, e de acordo com Orlandi, na análise da tradução do excerto (D) percebe-se que o tradutor realiza algumas modificações no texto da língua fonte, como por exemplo: acréscimos linguísticos, alterações na frase, mudanças na pontuação, provavelmente para colocar em foco o discurso da personagem, a argumentação que tem como intuito convencer os animais de que dormir em camas era uma necessidade, porquanto o trabalho intelectual assim o demandava.

Como exemplos de modificações percebidas no paralelo realizado entre o excerto destacado na obra *Animal Farm* (p.67), com a tradução na *Revolução dos Bichos* (p.58), temos os acréscimos linguísticos como:

²⁰ Ironia aqui tomada como “um outro dizer” sem explicitá-lo, para produzir o seu sentido.

- *Com que então vocês,*
- *não é?*
- *não é verdade?*

Como já observado, pode-se constatar algumas alterações frasais como, por exemplo, alterações na pontuação, acréscimos lexicais, da tradução do texto de saída para o de chegada nos excertos abaixo:

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>“You have heard, then, comrades,” he said, “that we pigs now sleep in the beds of the farmhouse? (...)”</i> - <i>“And very comfortable beds they are too!”</i> - <i>“You would not rob us of our repose, would you, comrades?”</i> | <ul style="list-style-type: none"> - <i>“Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas das casas? (...)”</i> - <i>“Confortáveis, lá isso são!”</i> - <i>“Vocês não seriam capazes de negarmos o repouso, camaradas, seriam?”</i> |
|---|--|

Os exemplos reproduzidos nos permitem supor que as diferenças nas construções provavelmente comportam razões que não se restringem apenas ao intento de buscar transmitir informações. Parecem sim produzir efeitos de sentidos, tal como observa Steiner:

“O tradutor deve tornar manifestos o “sentido” implícito, as extensões denotativas, ilativas, intencionais. No processo de transferência da tradução, perdem-se em maior ou menor grau, a inerência dos significados. Deste modo, os mecanismos da tradução são primordialmente explicativos (“explicitam”) e tornam visíveis tanto quanto possível, a inerência semântica do original. O tradutor busca mostrar “o que já está lá”. Steiner (2005:297).

Para exemplificar as colocações de Steiner em relação à “inerência semântica do original”, podemos citar a decisão do tradutor na passagem: “(...) *with all the brainwork we have to do nowadays*” por “(...) *com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós*”.

No processo de investigação da tradução dos excertos selecionados, procuramos focalizar as escolhas linguísticas do tradutor, vislumbrando afastamento com o tradicional debate em torno da equivalência e da fidelidade, aceitando as observações de Steiner (2005:275) ao afirmar que:

“É o plano superior dos eventos semânticos que torna mais visíveis os problemas da teoria e da prática da tradução, mais abertos a questões gerais de linguagem e mente”.

Portanto, um estudo em torno da linguagem, entre outros aspectos, se faz relevante para entender o processo tradutório de um texto em língua de saída para uma língua de chegada, tendo o signo linguístico destacado e, a:

“Noção de texto como conceito que acolhe o processo de interação e a relação com o mundo pela (e na) linguagem, isso remete ao domínio da significação como multiplicidade (polissemia) e não como linearidade informativa”. Fiorin (2007:35)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Animal Farm circunscreve um universo inesgotável de questões que exigem do tradutor vasto conhecimento histórico e cultural. A recriação, aqui examinada, de modo efetivo, parece oferecer ao leitor subsídios bastante similares àqueles propostos pelo primeiro autor. Poder e ideologia podem constituir um fio condutor que remete os olhares às representações e conceitualizações realizadas em diferentes períodos, precisamente no caso da presente obra, as décadas que precederam e que se seguiram a Segunda Grande Guerra, período chamado de Guerra Fria. Conforme Barthes (2007:12):

O poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história, política, histórica. Esse objeto que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua.

Constatamos na obra, que desde o discurso inicial do *Old Major*, o *velho Major* nomeado em “*A Revolução dos Bichos*”, seguindo com recursos comunicativos como a canção “*Bichos da Inglaterra*”, e até a prescrição dos sete mandamentos subscritos como princípios norteadores da nova sociedade, a ferramenta principal para manter e sustentar o poder resulta da linguagem e do discurso. Sem a linguagem e o poder exercido através da trama discursiva, a rebelião e a vitória de Napoleão pelo controle e comando da fazenda provavelmente não teriam se solidificado.

George Orwell explicita, por meio de sua fábula, a vulnerabilidade humana diante do poder incutido no *thesaurus* da língua. Também da abrangência polissêmica que um termo é passível de representar, gerando suas armadilhas através da ideologia subjacente às palavras, mesmo sem o entendimento do significado profundo advindo do léxico constituído que, como peças de um quebra cabeça, formam discursos marcantes, como nos revela Steiner (2005:36):

O ponto crucial está na tonalidade, no efeito cumulativo de palavras chave e torneios frasais que podem ter atrás de si e, por assim disser, imediatamente abaixo de sua superfície um complexo campo de valores semânticos e éticos.

Através da habilidade que Squealer/Garganta demonstra no uso da linguagem, que se expressa na construção e exteriorização dos seus discursos, e ainda com a colaboração da ingenuidade dos outros animais - ingenuidade refletida através da ignorância na compreensão dos fatos, no entendimento das palavras, das implicações, dos significados, no reconhecimento das ambições vis -, a realidade vai sendo esculpida para melhor ou para pior sem que os animais se dessem conta da situação a que estavam sendo submetidos. Destacamos a passagem da obra “O Fausto de Goethe” citada por Berman (1982:83), na qual Fausto festeja seu poder sobre as pessoas, que pensamos, condensa os atos da personagem analisada:

Usar todos os meios disponíveis/ para engajar multidões e multidões de trabalhadores./ incitem-nos com recompensas, ou sejam severos,/ Pagem-nos bem, seduzam ou reprimam!.

Podemos inferir que a obra reflete os meios pelos quais a ideologia se sustenta nas relações sociais e como ela se fixa entre as personagens, sem que as mesmas percebam que a estão progressivamente sendo “envolvidas” em suas tramas. A ideologia em discussão, direcionada pela obra que ora analisamos se manifesta na forma de discursos, se estabelecendo como recurso para o assujeitamento, manipulação e controle, comumente dos grupos subordinados. Estes grupos, sendo, portanto, de alguma forma, controlados por “armadilhas linguísticas”, sofrem o que podemos denominar de “aprisionamento”, que acontece não apenas por deficiências linguísticas ou por falhas na memória semântica. Somos leitores incompetentes, e esta incompetência parece ser marcada por uma forma de analfabetismo reflexivo por não reconhecer nos discursos as intencionalidades subscritos a eles.

Por meio dos discursos repletos de intencionalidades, de frases de impacto psicológico e com abusos de circunlóquios, a ficção passa a ser fato e assim vai se criando o mundo dos animais personificados. A

agência principal da nova sociedade que vai se desenhando segue o viés da língua/linguagem, que se torna um espelho distorcido e não uma imagem transparente, clara, decifrável.

Perguntamos então, se não temos, na sociedade atual, a linguagem expressada nas diferentes mídias, por meio não apenas através de signos, de palavras, mas ainda, através de imagens, sons, uma ferramenta que oprime enquanto forma opiniões e julgamentos, pois não agimos também em determinadas situações como os animais representados na fábula, aceitando fatos e situações sem contra argumentações? E ainda, se não temos no enunciado um sujeito interpelado pela ideologia, uma vez que seu dizer se encontra regulado pela sociedade que está incorporado, um sujeito assujeitado às coerções sócio-ideológicas e nunca dono do seu discurso?

Sendo a língua/linguagem uma das principais faculdades humanas, e por fazer parte do nosso cotidiano é tratada com uma certa naturalidade, gerando, em muitos casos, uma incapacidade de identificar as estratégias escondidas nas entrelinhas. Por traz de um processo comunicativo, e aqui tendo como referência a linguagem, está à intenção de se fazer ouvir, para ser respeitado e para exercer influência no ambiente que se realiza o ato linguístico e como nos revela Bagno (2003); “A linguagem, de todos os instrumentos de controle e coerção social, talvez seja o mais complexo e sutil”.

No decorrer de sua vida, cada indivíduo adquire conceitos e memoriza impressões, sensações e emoções. Assim, para não estar preso na rede de significados presente na língua, parece ser importante ter consciência da etimologia das palavras, de sua história e das possíveis alterações de significado que se processam em seus usos, conforme os interesses políticos, econômicos, culturais. Paraphraseando Brito (2003), as palavras trazem idéias e se não forem percebidas, a ideologia se torna determinante, mais violenta, mais brutal, pois não possibilita nenhum discurso contra-ideológico.

De acordo com Martins (1999), a questão do léxico deve ser tomada em consideração tanto do ponto de vista semântico, como estilístico e formal: “(...) outras questões relacionadas com o léxico, como a formação de palavras, metáforas e repetições não poderão ser indiferentes nem ao tradutor nem ao crítico da tradução”. Nesta perspectiva, observou-se que no processo de tradução, mais especificamente, nos excertos selecionados para a análise, o tradutor refletiu, na língua alvo, o tom do discurso fortemente marcado por intenções ideológicas apresentado na língua fonte. Em uma e outra versões o tom irônico, a sutileza nas escolhas linguísticas, a estrutura

específica de um discurso com objetivos de convencer, de impor e sustentar o poder, foi transposto.

Importante destacar também que o tradutor se reportou a usos linguísticos que refletem nossa cultura, mas sem deixar de contemplar a cultura da obra fonte, o que sinaliza entender a arte de traduzir como um modo de negociar diferenças e de tornar manifestas as diferenças: “(...) a tradução como fenômeno não apenas intercultural, mas também intracultural; a tradução como condição de auto-refletividade das culturas” (Ribeiro, 2005). A visão, de que no processo tradutório muito se perde, passa para o segundo plano, em benefício da percepção de que também, eventualmente, muito se pode ganhar.

Igualmente, arriscamo-nos a dizer, com base em Weininger (2010), que não poderá existir uma única tradução dita “correta”, homogênea, que se imponha a todas as outras. Tal como poderemos sempre fazer novas e diferentes recepções críticas de um texto, também nenhuma tradução pode ser considerada como definitiva, nem como modelo ideal ou único, pois o tradutor, em seu trabalho, imprime seus valores baseado em sua experiência linguística e extralingüística, o que colabora, em maior ou menor escala, no resultado da produção translatória. De fato, poderemos falar apenas de espelhos, de ecos, de aproximações, do mesmo modo que um texto criativo nunca esgota os seus sentidos múltiplos.

Naturalmente, torna-se impossível exaurir as possibilidades que um estudo acerca da linguagem e ideologia permitiria. Na certeza da impossibilidade de abarcar universos mais amplos, mas com motivação para prosseguir mesmo diante de caminhos obscuros, encontramos respaldo na colocação de Barthes, quando trata da sabedoria afirmando: “*Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”. (Barthes, 2007:45).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Material tradicional em papel

AGUIAR, Ofir Bergemann (Org.). **Tradução:** fragmentos de um diálogo. Goiânia: UFG, 2003.

BARTHES, Roland. **Aula.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Ivo Storniolo et al. São Paulo: Paulis, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Edusp, 1996.

BRITO, L.P.L. **Língua e Ideologia:** a reprodução do preconceito. In: BAGNO, M. **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

CUSATIS, Brunello de. A tradução literária: uma arte conflitual. **Cadernos de tradução,** Florianópolis, v.2, n. 22, p. 9-24, 2008.

EAGLETON, Terry. **Ideologia:** uma introdução. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

_____. **Teoria da Literatura:** uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERREIRA, Heitor Aquino. **A Revolução dos Bichos:** um conto de fadas/George Orwell. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FIGUEREDO, Viviana Almeida Carreira de Campos. A tradução como recurso no Ensino do Inglês Técnico-Científico. Revista de Inglês para fim específico. **S. Mamede de Infesta**, v. 2, p. 93-107, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª ed. São Paulo,SP: Edições Loyola, 1996.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX - 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: **Lingüística e comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

KOCK, Ingedore Villaça. **A Inter – ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KONDER, Leandro. **A Questão da Ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

LEFEVERE, André. **Translation Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. New York: The Modern Language Association of America, 1992.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 4ª ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.

ORWELL, George. **Animal Farm:** a fairy story. New York: USA, Signet Classics, 1996.

_____. **A Revolução dos Bichos:** um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Porque escrevo.** In: PIZA, Daniel (Org.). **Dentro da Baleia e outros ensaios.** Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OTTONI, Paulo. A tradução “entre” o ensino e a aprendizagem: como seguir regras sem dispor de regras para aplicar regras. **Tradução & Comunicação:** Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo, n. 12, 2003.

RAJAGOPALAN, kanavillil. A fatalidade da tradução. **Estudos Acadêmicos Unibero,** ano III, n. 5, p. 41-47, 1997.

STEINER, George. **Depois de Babel:** questões de linguagem e tradução. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Publicações Eletrônicas

ALBIN, Veronica. What's in a name: Juliet's Question Revised. **Translation Journal,** vol.7, n. 04, outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.accurapid.com/journal/26names.htm>>. Acesso em janeiro de 2010.

ARROJO, Rosemary. Os “estudos da tradução” como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em desconstrução. **Delta,** vol.14, n.2, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000200007#1>. Acesso em janeiro de 2010.

BAGNO, Marcos. Fábulas fabulosas. **TV Brasil, Salto para o Futuro:** Varal de Textos, programa 3, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm>>. Acesso em: outubro 2009.

BLOOM, Harold. George Orwell's Animal Farm. **Chelsea House Publishers,** 1991. Disponível em <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=98116644>> Acesso em: setembro de 2009.

BOOKRAGS. Animal Farm: summaries and analysis. Disponível em <http://www.bookrags.com/Animal_Farm>. Acesso em: setembro de 2009.

CLARK, Gordon Haddon. Expição. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. 2009. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cristologia/expiacao_cap12_clark.pdf. Acesso em: novembro de 2009.

DIMITRIOS, Thanasoulas. Language and Power in Education. 2009. Disponível em <http://www.developingteachers.com/articles_tchtraining/power1_dimitrios.htm> Acesso em: outubro 2009.

FARIA, Caroline. George Orwell. **Infoescola: biografias, escritores.** 2008. Disponível em <<http://www.infoescola.com/escritores/george-orwell/>>. Acesso em: agosto 2009.

FEDELI, Orlando. Os animais e seus significados. **Montfort Associação Cultural.** São Paulo, 2003. Disponível em <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: outubro 2009.

LAJOLO, Marisa. A narrativa na literatura para crianças e jovens. **TV Brasil, Salto para o futuro,** Rio de Janeiro, Boletim 21, 2005. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nl/meio.htm>>. Acesso em: outubro 2009.

MARTINS, Helder. A crítica da tradução literária. **Cadernos de Tradução.** Florianópolis-SC, vol. 01, n. 04, p. 39-55, 1999. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/288>. Acesso em: março de 2010.

MIYOSHI, Alex. A história do porco. **Trópico**, 2009. Disponível em <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3123,1.shl>>. Acesso em: outubro 2009.

NETO, Ismael Sá. O Deus do Mal: Seth. 2009. Disponível em <http://www.fascinioegito.sh06.com/bode.htm>. Acesso em: novembro de 2009.

NOGUEIRA, Marcos. O Porco passado a limpo. **Super Interessante**, Rio de Janeiro, ed. 210, fevereiro de 2005. Disponível em <<http://super.abril.com.br/mundo-animal/porco-passado-limpo-445477.shtml>>. Acesso em: outubro de 2009.

PAZ, José Evandro Martins. De tiramos a oprimidos: uma leitura de Animal Farm ao longo da linha do tempo. **Nau Literária**, Porto alegre, v.01, n. 01, p. 135-141, jul-dez. de 2005. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4831>>. Acesso em: agosto 2009.

POUR, Behnaz Sanaty. How to Translate Personal Names. Translation Journal, vol.13, n. 04, outubro de 2009. Disponível em <http://www accurapid.com/journal/50proper.htm>. Acesso: em dezembro de 2009.

QUINTÁS, Alfonso Lopes. A manipulação do homem através da linguagem. Tradução Elie Chadarevian. Disponível em <http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm#_ftn3> Acesso em: outubro 2009.

RAJAGOPALAN, kanavillil. Pós-modernidade e a tradução como subversão. **Anais do VII Encontro Nacional de Tradução**. I Encontro Internacional de Tradução. Universidade de São Paulo, 7 – 11 de setembro de 1998. Disponível em <http://www. flch.usp.br/sitesint/abrapt/anais.htm>. Acesso em janeiro de 2010.

RIBEIRO, Antônio Souza. The reasons of borders or a border reason? Translation as a metaphor for our times.. **Eurozine**, 2005. Disponível em <<http://www.eurozine.com/authors/ribeiro.html>>. Acesso em: setembro 2009.

SILVA, Antonio Ozaí. Centenário de George Orwell: os dilemas do intelectual militante de esquerda. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, n. 26, 2003. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol_orwell.htm#_ftnref6>. Acesso em: outubro 2009.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. Semântica enunciativa-discursiva na perspectiva Bakhtiniana. **Mini-curso USP**.(2008). Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Prof a.%20MaCristina_Sampaio/CURSO_BAKHTIN_AULA_02.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Prof_a.%20MaCristina_Sampaio/CURSO_BAKHTIN_AULA_02.pdf). Acesso em: janeiro de 2010.

SANTUSMORROBE. A Revolução dos Bichos. 2008. **Shovoong: resumos e revisões**. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/books/1819801revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-bichos/>>. Acesso em: agosto 2009.

SAKAMOTO, Leonardo. O porco não é culpado pela porcaria dos outros. In: **Blog do Sakamoto**, Florianópolis, 09-agosto-2009. Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/sakamoto/2009/08/09/o-porco-nao-e-o-culpado-pela-porcaria-dos-outros/?allcomments>>. Acesso em janeiro de 2010.

SHMOOP UNIVERSITY INC. Squealer (a pig) Character Analysis, 2009. Disponível em <<http://www.shmoop.com/animal-farm/squealer-pig.html>>. Acesso em: outubro de 2009.

SOM, Eliane Faganello de. História do porco. 2009. Disponível em <http://www.faganello.com/uploads/uploadsFCkEditor/File/ANEXO_092121Historia_do_Porco_.pdf>. Acesso em: outubro de 2009.

SPARKNOTES. Literature Study Guides: Sparknotes on Animal Farm, 2009. Disponível em <<http://www.sparknotes.com/lit/animalfarm/context.html>>. Acesso em: agosto de 2009.

STEPHAN, Luiz Antônio Caixeiro. A história dos porcos. 2009. Disponível em <<http://lacstephan2.blogspot.com/>>. Acesso em: outubro de 2009.

STUDYWORLD. Animal Farm (Essay 3): The importance in the book Animal farm of Squealer. **Oakwood Publishing Company**, 2009. Disponível em <http://www.studyworld.com/literature/novels/animal_farm_essay_3.htm> Acesso em: outubro de 2009.

TAVARES, Ana C.; LOPES, José Manoel. Prolegómenos a um esquema analítico para a crítica de traduções literárias. **Babilônia Revista Lusófono de Línguas, Culturas e Tradução**. Universidade Lusófono de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal, n. 2-3, p. 81-90, março de 2005. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/561/56100307.pdf>>. Acesso em Abril de 2010.

TEACHERS VISION. Animal Farm by George Orwell. **Penguin Groups**. Disponível em <<http://www.teachervision.fen.com/animals/activity/3307.html>>. Acesso em: setembro de 2009.

THE GLENCOE LITERATURE LIBRARY. Study Guide for Animal farm by George Orwell. New York, [20__?] Disponível em <<http://www.glencoe.com/sec/literature/litlibrary/animalfarm.html>>. Acesso em: agosto 2009.

WEININGER, Markus. O que é uma tradução ideal. In: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30-set-2005. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=54>>. Acesso em: janeiro de 2010.

WILLIAMS, Rhodri. Orwell's Political Messages. **K1 Internet Publishing**. 1997. Disponível em <<http://www.k-1.com/Orwell/site/opinion/essays/rhodi.html>>. Acesso em: outubro de 2009.

WILSON, Luis. A Revolução dos Bichos: uma análise da União Soviética através da literatura. **Núcleos de Estudos Contemporâneos**, Campus do Gragoatá, 2009, Disponível em <http://74.125.47.132/search?q=cache:4AdlDyKr8TkJ:www.historia.uff.br/nec/novo/sites/default/files/luis_wilson_urss.doc>. Acesso em: agosto 2009.

Dicionários

CEIA, Carlos. Personificação. **E - Dicionários de Termos Literários**, coordenação de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, 2005. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/personifica%C3%A7%C3%A3o.htm>>. Acesso em: novembro de 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Fábula. **E-Dicionários de Termos Literários**, coordenação de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, 2005 Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fabula2.htm>>. Acesso em: setembro 2009.

DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO. 44. ed. São Paulo: Globo,1996.

DICIONÁRIO INFORMAL. Garganta. 2009. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=garganta>>. Acesso em: outubro de 2009.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Porco. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/porco/>>. Acesso em: outubro de 2009.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1957.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HORNBY, A.S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 6th ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

INFOPÉDIA. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Porto Editora, 2009. Disponível em <http://www.infopedia.pt/>> Acesso em: novembro de 2009.

GRANDE DICIONÁRIO LAROUSSE CULTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário Escolar**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

THESAURUS.COM. Squealer. **Dictionary.com, LLC.** 2010. Disponível em <http://thesaurus.reference.com/browse/squealer>. Acesso em: janeiro de 2010.